

**Questionário Integrado para Medir Capital Social
(QI-MCS)
(Integrated Questionnaire for the
Measurement of Social Capital)
(SC-IQ)**

Christiaan Grootaert

Deepa Narayan

Veronica Nyhan Jones

Michael Woolcock

Sumário

Parte I: Introdução

1. Objetivo	3
2. Público alvo e contexto	4
3. Capital social: uma revisão conceitual	5
4. As seis dimensões do QI-MCS	8
5. Amostragem e coleta de dados	9
6. Adaptação e teste piloto do QI-MCS	10
7. Sugestões para análise de dados	14
8. Relatório e divulgação dos dados	26
9. Completando o círculo: retorno para futuros aperfeiçoamentos	27
10. Anexo A: Testes Piloto na Albânia e na Nigéria	29
11. Referências bibliográficas	32

Parte II: Questionário

1. Grupos e Redes	35
2. Confiança e Solidariedade	47
3. Ação Coletiva e Cooperação	50
4. Informação e Comunicação	52
5. Coesão e Inclusão Social	55
6. Autoridade ou capacitação (Empowerment) e Ação Política	61
7. Anexo B: Questões Centrais	66

PARTE I: INTRODUÇÃO

1. Objetivo

Durante a última década, a idéia de capital social tem gozado de um crescente prestígio nas ciências sociais, tanto na literatura teórica, quanto na literatura aplicada.¹ Embora um debate enriquecedor tenha acompanhado sua trajetória, contribuindo para o avanço da reflexão e, ao mesmo tempo, esclarecendo áreas de concordância e discordância, ainda há muito a ser feito. Uma abordagem que, esperamos, possa contribuir para novos avanços, tanto para acadêmicos, quanto praticantes, é prover um conjunto de ferramentas empíricas para medir capital social. O objetivo deste *paper* é introduzir tal ferramenta com foco em aplicações nos países em desenvolvimento. Alguns debates, evidentemente, não podem ser resolvidos empiricamente, e o que se escolhe (ou não) para medir é, necessariamente, um produto de um conjunto particular de pressupostos orientadores (ver a seguir).

De qualquer modo, debates conceituais não podem ser solucionados em um vazio empírico. Esperamos que nossas tentativas de fornecer uma base para medir diferentes dimensões de capital social encorajem um maior diálogo entre pesquisadores, formuladores de políticas públicas, gerenciadores de tarefas, e a própria população empobrecida. Por meio desse diálogo, esperamos que o conhecimento das dimensões sociais do desenvolvimento econômico seja ampliado e, com isso, nossa capacidade conjunta para desenvolver e implementar estratégias de redução da pobreza mais eficazes.

O objetivo do Questionário Integrado para Medir Capital Social (QI-MCS), é prover um conjunto de questões essenciais do tipo *survey* para todos aqueles interessados em gerar dados quantitativos sobre várias dimensões do capital social, como parte de *surveys* domiciliares mais amplos, (tais como as Pesquisas de Padrão de Vida – PPV). Cada questão incluída neste documento foi retirada de *surveys* anteriores sobre capital social (onde foram demonstradas sua confiabilidade, validade e utilidade). O documento, como um todo, foi sujeito a extensivas contribuições e críticas por parte de um painel externo de consultores especializados², e foi previamente testado em campo (na Nigéria e na Albânia). Entretanto, desde já salientamos que (a) nem todas as questões enumeradas poderão ser úteis em todos os lugares; (b) nem todas as enunciações de uma questão em particular poderão ser apropriadas para todos os contextos e/ou facilmente traduzidas para outras línguas; e (c) várias questões de importância local talvez precisem ser acrescentadas.

¹ Ver gráfico 1.1 em Isham, Kelly e Ramaswamy (2002), que documenta o crescimento exponencial do número de citações sobre capital social em literatura econômica entre 1993 e 2000.

² Agradecemos a Beatriz Ascarrunz, Michael Cassidy, Amrita Daniere, David Halpern, Roslyn Harper, John Helliwell, Kevin Karty, Lant Pritchett, Robert Putnam, Thierry van Bastelaer, e Ashutosh Varshney for serving as external advisors to this project por terem atuado como conselheiros externos a esse projeto. Nossos colegas do Banco Mundial, Nora Dudwick, Kathy Lindert, Steve Knack, e Diane Steele, também nos deram valiosíssimas contribuições.

A maioria das Pesquisas de Padrão de Vida é conduzida a nível nacional, com uma amostra representativa nacional, freqüentemente no contexto de um levantamento dos índices de pobreza. Acrescentar um módulo de capital social a um *survey* desse tipo abre a possibilidade de se estudarem as conexões entre diferentes dimensões de capital social e pobreza. Alguns exemplos desse tipo de análise serão discutidos mais adiante na seção 7. Contudo, a aplicação do QI-MCS não se limita a inquéritos de nível nacional. Há muito interesse em informação acerca do capital social no contexto da elaboração e implementação de projetos de desenvolvimento, e o QI-MCS também serve para este propósito. Se houver interesse em obter dados de base sobre capital social previamente à implantação de um projeto, o QI-MCS poderia ser utilizado em combinação com outras bases de dados, ao nível do projeto, com o objetivo de criar uma base de informações sócio-econômicas. Frequentemente, esse tipo de dados é coletado antecipando-se a futura avaliação do impacto do projeto. Avaliações bem-sucedidas do projeto requerem múltiplos levantamentos de dados. Acrescentar o QI-MCS a cada levantamento tornaria possível asseverar o impacto do projeto sobre o capital social ou, inversamente, verificar se áreas com maiores níveis de capital social apresentam implementações de projetos mais bem sucedidas.

2. Público alvo e contexto

O QI-MCS foi desenvolvido para ser utilizado por pesquisadores, avaliadores, gerenciadores de projetos e programas, por aqueles que estejam conduzindo levantamentos de índices de pobreza ou *surveys* nacionais sobre capital social, e por aqueles que estejam desenvolvendo estratégias nacionais de redução da pobreza. Foi especialmente desenvolvido para ser incorporado a outros *surveys* domiciliares mais amplos, tais como as Pesquisas de Padrão de Vida (PPV). Entretanto, é importante enfatizar que esta ferramenta *não* foi desenvolvida para pesquisadores iniciantes, uma vez que pressupõe um sólido conhecimento de métodos de pesquisa social em geral e ferramentas de pesquisa do tipo *survey* em particular, assim como a familiaridade com os temas e debates centrais da literatura sobre capital social. Esse conhecimento metodológico e conceitual é fundamental para fazer os ajustes necessários ao contexto de pesquisa e as modificações no instrumento de *survey* sugeridos na seção anterior.

Embora uma ferramenta de *survey* seja desenvolvida para gerar dados quantitativos, estamos conscientes de que uma rica tradição em pesquisa sobre capital social é resultado de métodos qualitativos. (ex., Narayan 2000, Grootaert e van Bastelaer 2002b). De fato, uma ferramenta qualitativa complementar está sendo desenvolvida neste momento, e no devido tempo esperamos incluir ambas as ferramentas como parte de um único pacote, para que as equipes de pesquisadores possam combinar suas habilidades metodológicas particulares³ na construção de um quadro mais detalhado das estruturas e percepções de diferentes dimensões de capital social (ver a seguir). Por hora, contudo, apresentaremos apenas a ferramenta quantitativa, dado que, quando utilizada cuidadosamente, o formato

³ Sobre estratégias para associar abordagens qualitativas e quantitativas em pesquisa de políticas públicas e avaliações de programas, ver Rao e Woolcock (2003).

de dados que pode produzir é, com frequência, imediatamente útil (e persuasivo) aos formuladores de políticas públicas, aos gerenciadores de tarefas e pesquisadores.

O material primário no qual se baseia este *survey* reúne as lições aprendidas nos seguintes estudos (enumerados em ordem cronológica):

- O *Survey sobre Capital Social na Tanzânia* coletou dados sobre participação em associações e confiança, e relacionou esses conceitos ao acesso a serviços e tecnologia agrícola (ver Narayan e Pritchett 1999).
- O *Estudo Sobre Instituições de Nível Local* coletou dados comparáveis sobre capital social estrutural na Bolívia, em Burkina Faso e na Indonésia. A análise focalizou o papel do capital social em relação ao bem-estar e à pobreza doméstica, acesso ao crédito, e ação coletiva (ver Grootaert 2001).
- *A Iniciativa do Capital Social* patrocinou 12 estudos acerca do papel do capital social em projetos setoriais e no processo de criação e destruição de capital social. As lições empíricas foram apresentadas em dois volumes (Grootaert e van Bastalaer 2002a, 2002b)
- O *Survey sobre Capital Social* em Gana e Uganda coletou dados sobre grupos e redes, bem-estar subjetivo, engajamento político, sociabilidade, atividades comunitárias, violência, criminalidade e comunicações (ver Narayan e Cassidy 2001).
- O *Levantamento acerca da Pobreza na Guatemala* combinou uma PPV com o módulo de capital social (Banco Mundial 2003: ver também Ibáñez, Lindert e Woolcock 2002).⁴

3. Capital social: uma revisão conceitual

Na literatura acadêmica contemporânea, o conceito de capital social é discutido de duas maneiras relacionadas (mas claramente diferenciadas).⁵ A primeira, associada aos sociólogos Ronald Burt, Nan Lin e Alejandro Portes, refere-se aos recursos – como, por exemplo, informações, idéias, apoios – que os indivíduos são capazes de procurar em virtude de suas relações com outras pessoas. Esses recursos (‘capital’) são ‘sociais’ na medida em que são acessíveis somente dentro e por meio dessas relações, contrariamente ao capital físico (ferramentas, tecnologia) e humano (educação, habilidades), por exemplo, que são, essencialmente, propriedades dos indivíduos. A estrutura de uma determinada rede – quem se relaciona com quem, com que frequência, e em que termos –

⁴ Este trabalho também se baseou em pesquisas sobre estratégias de sobrevivência e mobilidade em favelas de Delhi (Jha, Rao e Woolcock 2002).

⁵ Woolcock e Narayan (2000) discutem quatro perspectivas amplas que conectam o capital social aos resultados do desenvolvimento; a dupla distinção aqui colocada refere-se às definições centrais conforme aplicadas a toda uma série de áreas substantivas.

tem, assim, um papel fundamental no fluxo de recursos através daquela rede. Aqueles que ocupam posições estratégicas no interior da rede, especialmente aqueles cujas ligações percorrem vários grupos, potencialmente têm mais recursos do que seus pares, precisamente porque sua posição no interior da rede lhes proporciona maior acesso a mais e melhores recursos (Burt 2000).

A segunda (e mais comum) abordagem acerca do capital social, mais precisamente associada ao cientista político Robert Putnam, refere-se à natureza e extensão do envolvimento de um indivíduo em várias redes informais e organizações cívicas formais. Desde a conversa com os vizinhos ou o engajamento em atividades recreativas, até a filiação a organizações ambientais e partidos políticos, o capital social é usado, nesse sentido, como um termo conceitual para caracterizar as muitas e variadas maneiras pelas quais os membros de uma comunidade interagem. Assim entendido, é possível traçar um mapa da vida associativa da comunidade e, com isso, perceber seu estado de saúde cívico. Um conjunto de problemas sociais – criminalidade, saúde, pobreza, desemprego – tem sido empiricamente associado à existência (ou falta de) capital social em uma comunidade, e com eles um sentido de preocupação por parte de cidadãos e formuladores de políticas públicas de que novas formas de capital social precisam ser imaginadas e construídas, conforme outras formas mais velhas entram em declínio (como resultado, por exemplo, de mudanças tecnológicas ou demográficas). Essas questões são relevantes tanto para países onde a renda *per capita* é alta, como para aqueles onde a renda é baixa.

Estudiosos trabalhando com ambas as tradições conceituais concordam que é importante reconhecer que o capital social não é uma entidade única, mas antes, de natureza multi-dimensional. Dado que o capital social é, freqüentemente, definido em termos dos grupos, redes, normas e confiança de que as pessoas dispõem para fins produtivos, a ferramenta de *survey* neste *paper* foi desenvolvida para apreender essa multi-dimensionalidade, explorando (a) os *tipos* de grupos e redes com os quais as pessoas em situação de pobreza podem contar e a natureza e extensão de suas contribuições para com outros membros desses grupos e redes. O *survey* também explora (b) as *percepções* subjetivas dos entrevistados acerca da confiabilidade das outras pessoas e das instituições cruciais que modelam suas vidas, assim como as normas de cooperação e reciprocidade que envolvem as tentativas de se trabalhar juntos para resolver problemas.⁶

Na tentativa de avaliar o acesso às redes e as formas de participação, o *survey* também adota a distinção comum entre capital social de “ligação” – laços entre pessoas similares, no sentido de que compartilham características demográficas, tais como familiares, vizinhos, amigos e colegas de trabalho – e capital social de “ponte” – laços que ligam as pessoas que não compartilham muitas dessas características (Gittell e Vidal 1998, Putnam 2000, Narayan 2002). O que delimita as fronteiras entre diferentes grupos de ligação e de ponte evidentemente varia entre contextos (sendo assim endógeno), mas essas fronteiras, entretanto, são relevantes – em geral, politicamente – de modo que é importante identificar onde se situam, e de que modo são construídas e mantidas.

⁶ A distinção entre (a) e (b) é por vezes referida como capital social “estrutural” e “cognitivo”, respectivamente (ex. Krishna e Uphoff, 2002).

Recentemente, alguns estudiosos sugeriram uma terceira classificação conceitual. Chamada capital social de “conexão”, (Woolcock, 1999, Banco Mundial, 2000), essa dimensão refere-se aos laços mantidos com as pessoas que detêm posições de autoridade, tais como representantes de instituições públicas (polícia, partidos políticos) e privadas (bancos). Esse desenvolvimento conceitual nasceu de uma preocupação que perdurava havia algum tempo, de que pode haver (e geralmente há), uma enorme heterogeneidade – tanto demograficamente como em termos de sua importância para o bem-estar imediato ou futuro de um indivíduo – entre aqueles que podem ser identificados possivelmente como parte do capital social de ponte de uma pessoa. Enquanto o capital social de ponte, como a metáfora sugere, é essencialmente horizontal, (isto é, conecta as pessoas de posição social mais ou menos igual), o capital social de conexão é mais vertical, uma vez que conecta as pessoas a recursos políticos (e outros) chave e instituições econômicas – isto é, entre diferenciais de poder. É importante enfatizar que não é a mera presença destas instituições (escolas, bancos, agências de seguro), que constituem o capital social de conexão, mas antes a natureza e a extensão dos laços *sociais* entre clientes e provedores, muitos dos quais são um meio inerente à prestação destes serviços (tais como ensino, expansão agrícola (agricultural extension), medicina geral etc.).⁷ Assim definido, o acesso ao capital social de conexão é fundamental para o bem estar, especialmente em países e comunidades pobres, onde muito frequentemente os bancos cobram taxas de juros abusivas, a polícia é corrupta e os professores faltam ao trabalho (Narayan 2000). Líderes locais e intermediários contribuem para facilitar as conexões entre as comunidades pobres e a assistência externa ao desenvolvimento (incluindo programas governamentais – Khrisna 2000), constituindo assim, uma importante fonte de capital social de conexão.

Também é importante reconhecer, contudo, que essas diferentes formas de capital social, como o capital humano, podem ser usadas para dificultar ao invés de contribuir para o bem-estar dos indivíduos (Portes 1998, Woolcock 1998) – por exemplo, quando as regras para pertencer a um grupo implicam obrigações, tais como compartilhar ao invés de acumular riqueza, ou quando negam aos membros o acesso a serviços (ex. negando o direito às meninas de irem à escola). Além de outras formas de controle e responsabilidade, o capital social de conexão também pode rapidamente se tornar uma forma de nepotismo ou um mecanismo de troca de favores e de favoritismo político. Nesse sentido, uma questão política e empírica central é saber quais condições institucionais e/ou combinações de diferentes dimensões de capital social geram resultados que servem ao bem comum.

Embora reconhecendo o potencial das diferentes visões sobre o capital social na literatura, o objetivo deste instrumento de *survey* não é resolver esses debates em si, mas antes, fornecer um amplo conjunto de questões de *survey* pré-testadas que possam ajudar pesquisadores e praticantes a caminharem juntos em direção à maior clareza, com base em evidências empíricas. Desse modo, o *survey* enfatiza os diferentes tipos de redes e organizações aos quais os membros do domicílio têm acesso, e confere atenção particular ao entendimento dos processos por meio dos quais a inclusão (ou exclusão) nas redes e

⁷ Em relação a esse ponto, ver Pritchett e Woolcock (em vias de publicação).

organizações se sustenta. O questionário também inclui questões mais subjetivas, relativas às percepções acerca da confiança (nos vizinhos, provedores de serviços etc.) reciprocidade normativa e ação coletiva.⁸

4. As seis dimensões do QI-MCS

No interior de um esquema conceitual de capital social baseado no nível do domicílio, é importante reconhecer que há um conjunto de questões substantivas a partir das quais informações relevantes podem ser obtidas. Baseando-nos em trabalhos anteriores de tipo *survey* sobre capital social, em nossa leitura da literatura, e nas contribuições do grupo do nosso grupo de consultores, decidimos organizar este material nas seis seguintes seções:

4.1 Grupos e Redes

Esta é a categoria mais comumente associada ao capital social. As questões nesta seção consideram a natureza e a extensão da participação de um membro de um domicílio em vários tipos de organização social e redes informais, assim como as várias contribuições dadas e recebidas nestas relações. Também considera a diversidade das associações de um determinado grupo, como suas lideranças são selecionadas, e como mudou o envolvimento da pessoa com o grupo ao longo do tempo.

4.2 Confiança e Solidariedade

Além das perguntas tradicionais sobre confiança presentes em um número notável de *surveys* nacionais, esta categoria busca levantar dados sobre a confiança em relação a vizinhos, provedores de serviços essenciais, e estranhos, e como essas percepções mudaram com o tempo.

4.3 Ação Coletiva e Cooperação

Esta categoria investiga se e como os membros do domicílio têm trabalho com outras pessoas em sua comunidade, em projetos conjuntos e/ou como resposta a uma crise. Também considera as conseqüências do não cumprimento das expectativas em relação à participação.

4.4 Informação e Comunicação

O acesso à informação tem sido reconhecido cada vez mais como fundamental para ajudar as comunidades empobrecidas a terem uma voz mais ativa em assuntos relativos

⁸ Também reconhecemos que o capital social foi concebido e medido em diferentes unidades de análise, desde indivíduos (Glaeser, Laibos e Sacerdote 2002, Collier 2002) e domicílios a regiões e sociedades inteiras (Fukuyama 1995). Como demonstra essa ferramenta de *survey*, acreditamos que o capital social é apreendido com maior precisão ao nível do domicílio, fazendo perguntas aos indivíduos enquanto *membros de vários grupos sociais*. Medidas mais amplas de capital social são válidas apenas quando resultados de amostras representativas dos domicílios.

ao seu bem-estar (Banco Mundial 2002). Esta categoria de questões explora os meios pelos quais os domicílios pobres recebem informações relativas às condições de mercado e serviços públicos, e até onde têm acesso às infra-estruturas de comunicação.

4.5 Coesão e Inclusão Social

As “comunidades” não são entidades coesas, mas antes se caracterizam por várias formas de divisão e diferenças que podem levar ao conflito. Questões nesta categoria buscam identificar a natureza e o tamanho dessas diferenças, os mecanismos por meio dos quais elas são gerenciadas, e quais os grupos que são excluídos dos serviços públicos essenciais. Questões relativas às formas cotidianas de interação social também são consideradas.

4.6 Autoridade (ou capacitação) [Empowerment] e Ação Política

Os indivíduos têm “autoridade” ou são “capacitados” (are “empowered”) na medida em que detêm um certo controle sobre instituições e processos que afetam diretamente seu bem-estar (Banco Mundial 2002). As questões nesta seção buscam averiguar o sentimento de felicidade, eficácia pessoal e capacidade dos membros do agregado doméstico para influenciar tanto eventos locais como respostas políticas mais amplas.

O instrumento de *survey* reflete, assim, as dimensões “estrutural” (associação do grupo) e “cognitiva” (percepções subjetivas da confiança e das normas) do capital social (seções 1 e 2); os principais meios através dos quais o capital social opera (seções 3 e 4) e as principais áreas de aplicação ou resultados (seções 5 e 6). (Sugestões específicas relativas a procedimentos de análise de dados para cada uma das seis seções encontram-se na Parte 7, mais adiante).

5. Amostragem e Coleta de Dados

Embora o capital social tenha sido conceitualizado nos níveis micro, médio e macro, as ferramentas necessárias para medir capital social ao nível dos domicílios ou indivíduos são muito diferentes daquelas necessárias para medir capital social ao nível do país. O QI-MCS concentra-se na medida ao nível micro, isto é, ao nível dos domicílios e indivíduos, o que corresponde ao foco das Pesquisas de Padrão de Vida (PPVs), as quais têm como objetivo medir os padrões de vida dos domicílios e indivíduos. É essa correspondência de foco que permite integrar facilmente o QI-MCS às PPVs.

Quando o QI-MCS é usado como módulo para a PPV, todas as questões de amostragem e coleta de dados serão abordadas no contexto da PPV. Por exemplo, decisões sobre o tamanho e o método de seleção da amostra serão feitas no escopo da PPV, e serão aplicadas ao QI-MCS do mesmo modo que para todos os outros módulos de *survey*. Uma pesquisa de padrão de vida é conduzida tipicamente sobre uma amostra entre 1500 e 5000 domicílios. Esse tamanho de amostra é suficiente para permitir vários tipos de análise de dados desagregados (por região, grupo sócio-econômico, gênero etc.). Há, portanto,

potencial para realizar análises desagregadas semelhantes das informações acerca do capital social.

Por ter sido desenvolvido para ser um módulo da PPV, o QI-MCS não coleta dados sobre capital social ao nível da comunidade. Todas as questões são dirigidas aos indivíduos, no contexto de um *survey* domiciliar, e o objetivo é obter informações sobre a participação dos membros do domicílio em grupos e associações, percepções acerca da confiança e autoridade ou capacitação (empowerment), participação em ações coletivas etc. Algumas questões referem-se, com efeito, à percepção do entrevistado acerca de certos atributos da comunidade, tais como a habilidade para enfrentar calamidades coletivamente e abordar questões de interesse comum. É claro que isto é diferente de obter dados ao nível da comunidade sobre capital social, tais como a densidade da vida associativa ou a frequência de ação coletiva da comunidade.

Em algumas aplicações do QI-MCS, talvez seja útil complementar a informação ao nível dos domicílios com dados da comunidade sobre capital social. Frequentemente, isto é possível se o QI-MCS for conduzido como parte de uma PPV, porque muitas pesquisas de padrão de vida acrescentam um módulo para a comunidade. Nesses casos, um número de questões sobre capital social poderia ser adicionado a este módulo. Uma vez que o módulo para a comunidade geralmente tem um tamanho limitado, será necessário ser bastante seletivo ao escolher as questões sobre capital social a serem acrescentadas.⁹ Uma boa fonte para selecionar essas questões é o questionário comunitário que é parte da Ferramenta Para Verificar Capital Social (FVCS). A FVCS é um instrumento mais amplo de coleta de dados sobre capital social ao nível dos domicílios, comunidades e organizações.¹⁰ (Grootaert e van Bastelaer 2000b)

6. Adaptação e Teste Piloto do QI-MCS

O QI-MCS apresentado neste *paper* é um protótipo, que busca alcançar um equilíbrio entre o rigor conceitual e a flexibilidade e adaptabilidade interculturais. Embora o desenho e o conteúdo do QI-MCS seja baseado em uma ampla experiência de coleta de dados acerca do capital social, em diferentes países, qualquer aplicação exigirá adaptação ao contexto local. Os usuários deverão ser orientados nesse processo considerando seriamente quais são os fins específicos para os quais o *survey* será utilizado, e para que público específico se está buscando comunicar as eventuais descobertas. Essas considerações influenciarão o tipo, a complexidade e o número de questões incluídas no *survey* final, a sofisticação (e as despesas associadas) das análises de dados, assim como o estilo de linguagem empregado na interpretação e divulgação dos resultados. Embora o tempo e as pressões orçamentárias possam levar à tentação de se adotar as questões no formato em que estão aqui apresentadas, nós recomendamos enfaticamente que todos os

⁹ O desenho e o conteúdo típico do módulo comunitário da PPV é discutido em Grosh e Glewwe (2000).

¹⁰ Na FVCS, dados da comunidade sobre capital social são coletados por meio de grupos focais comunitários assim como um questionário estruturado para a comunidade. A informação reunida refere-se aos recursos comunitários, governabilidade, ação coletiva, densidade das organizações locais, e as relações entre organizações e entre as organizações e a comunidade.

usuários reservem o tempo e os recursos necessários para garantir que o objetivo da pesquisa esteja claro, assim como os procedimentos para o desenvolvimento, formatação e pré-teste das questões selecionadas, e análise dos dados que serão gerados. Esses pontos foram destacados durante testes em campo deste *survey* na Albânia e na Nigéria, durante o verão de 2002.

Como questão prática, a adaptação é um processo em três etapas. Primeiro, uma revisão geral dos seis diferentes módulos do QI-MCS é necessária, e é preciso verificar se o equilíbrio entre os diferentes tópicos é apropriado para a aplicação proposta. Por exemplo, é bastante possível que, para uma dada aplicação, as questões de confiança e solidariedade sejam mais importantes do que aquelas relativas à densidade das organizações e redes. Nesse caso, seria legítimo que os responsáveis pelo desenho do *survey* expandissem o módulo Confiança e Solidariedade e, de modo a não estender o tamanho final do *survey*, reduzissem, proporcionalmente, o escopo do módulo Grupos e Redes. Não seria legítimo, entretanto, eliminar completamente o módulo Grupos e Redes, uma vez que isso seria desconsiderar a estrutura conceitual sobre a qual se baseia o QI-MCS, reduzindo, assim, o potencial analítico dos dados coletados. O *survey* piloto do QI-MCS na Nigéria revelou que, por exemplo, os domicílios nesse país pertencem a muito mais grupos (até uns 50) do que na maior parte dos outros países. Desse modo, foi sugerido que a lista das possíveis organizações e questões subseqüentes fosse reduzida e estivesse mais voltada para as principais organizações de interesse, de modo a não estender demais o tempo de entrevista. Em contraste, o *survey* piloto na Albânia indicou que era necessário acrescentar à lista protótipo organizações específicas daquele país, tais como as “Fis”, uma forma particular de rede familiar muito importante na sociedade albanesa.

A segunda etapa do processo de adaptação consiste em uma revisão detalhada das questões e dos códigos de resposta para ver se são relevantes no contexto local. Devido ao fato de que um *survey* utiliza questões fechadas, pode ser difícil antecipar e dar conta das várias respostas e interpretações possíveis nos diversos contextos locais. Por exemplo, várias questões nos módulos 1 e 3 referem-se a como o entrevistado reagiria diante de situações hipotéticas nas quais, normalmente, precisaria confiar em outros membros da comunidade ou contar com a sua colaboração. As situações escolhidas precisam ter uma chance real de ocorrerem no ambiente cotidiano do entrevistado. Onde a perda de colheitas é um fato comum, faz sentido perguntar se os membros da comunidade se reuniriam para lidar com esse tipo de calamidade, ou se agiriam por conta própria. Se a perda de colheitas é um acontecimento raro, outra calamidade hipotética deve ser escolhida para averiguar a iniciativa da comunidade para trabalhar em conjunto. De modo semelhante, no módulo 5, que trata da coesão social, é sugerida uma lista de características que podem constituir o motivo para exclusão. Essa lista deve incluir apenas características para as quais há variação local. Em situações onde não há diversidade étnica, não faz sentido perguntar se diferenças de fundo étnico podem ser causa de exclusão social.

É igualmente importante que as questões e as opções de resposta levem em consideração a cultura local. Por exemplo, uma questão na seção de sociabilidade refere-se à

freqüência com que as pessoas se encontram fora de casa para comer e/ou beber. O *survey* piloto revelou que, em algumas partes da Nigéria, onde as pessoas não tinham permissão para consumir bebidas alcoólicas por motivos religiosos, o termo “beber” foi interpretado como “bebida alcoólica” e causou um embaraço desnecessário entre os entrevistados. Contudo, é preciso distinguir essa situação das questões que causam desconforto, mas são necessárias, tais como as questões que se referem às ações políticas.

A terceira etapa refere-se ao idioma. O protótipo do QI-MCS foi elaborado em inglês, de modo que a sua aplicação na maior parte dos países requer tradução para os idiomas locais. É necessária atenção especial na tradução dos termos frequentemente utilizados no questionário, tais como organização, rede, confiança, exclusão, ação coletiva etc. Experiências anteriores demonstraram que a tradução desses termos nem sempre é fácil e, se necessário, sociólogos locais e especialistas no idioma devem ser consultados. Uma vez chegando a um acordo quanto a um dicionário dos termos principais, o questionário definitivo pode ser traduzido para os idiomas locais. Por exemplo, no teste piloto nigeriano, os pesquisadores tiveram dificuldade para traduzir os termos “dar-se bem (get along)” e “comunhão (togetherness)” para as línguas Hausa, Ibo e Iorubá. Além disso, uma das questões sobre confiança, que oferece as alternativas “pode-se confiar na maioria das pessoas” contra “nunca é demais ter cuidado” provaram ser difíceis de traduzir com exatidão.

Embora o QI-MCS não seja um questionário muito longo, a tradução pode ser um exercício dispendioso, especialmente quando há múltiplas línguas locais, e pode haver a tentação de se pular essa etapa. Todavia, aconselhamos enfaticamente a tradução dos questionários. Experiências anteriores demonstraram que, quando os entrevistadores são forçados a traduzir no momento das entrevistas, muitas inconsistências emergem na tradução e a dinâmica da entrevista é prejudicada. O resultado final pode ser uma redução significativa na qualidade e comparabilidade da informação coletada. A única situação óbvia nesse caso é quando a língua local não é escrita, como é o caso de alguns *patois* caribenhos. Nesse caso, o treinamento deve dispor de mais tempo para que os entrevistadores sejam treinados na tradução e tenham tempo para praticar.

A fim de assegurar a precisão dos instrumentos traduzidos, recomenda-se que todos os instrumentos sejam re-traduzidos para o inglês. A comparação dessa tradução com os instrumentos originais é o modo mais eficaz de se detectarem erros de tradução.

Depois que os questionários adaptados e traduzidos estiverem disponíveis, as equipes de *survey* precisam ser treinadas. O treinamento deve garantir que todos os entrevistadores adotem um mesmo protocolo para (a) selecionar os domicílios (e os membros entrevistados), (b) conduzir os entrevistados pelo inventário das questões, (c) preencher o *survey*, (d) responder quaisquer questões substantivas ou de procedimento e (e) esclarecer as ambigüidades (conhecidas). Quanto mais abrangente e rigoroso for o treinamento prévio, maior é a chance de gerar dados utilizáveis e realmente úteis.

A fase final de preparação do trabalho de campo consiste no teste piloto para verificar todos os aspectos da coleta de dados. Os locais para o teste piloto não devem incluir as

comunidades que serão parte da amostra na aplicação do *survey* definitivo. O objetivo do teste piloto é aplicar o questionário no maior número possível de ambientes geográfica e sócio-economicamente diferentes, cobrindo as várias situações que podem ser encontradas durante a aplicação efetiva do QI-MCS. Desse modo, a seleção dos locais não deve ser aleatória, mas proposital, com o objetivo de assegurar o equilíbrio entre comunidades urbanas e rurais, comunidades montanhosas e costeiras, áreas ricas e pobres, e áreas de diferentes etnias e idiomas. De maneira semelhante, ao nível do domicílio, deve-se buscar o equilíbrio entre inquiridos de ambos os sexos, entre domicílios pobres e ricos, e domicílios de diferentes origens étnicas e ocupacionais. Os critérios efetivos relevantes são, evidentemente, específicos de cada localidade. Não há regras rígidas quanto ao melhor tamanho para a amostra do teste piloto, mas experiências anteriores sugerem que uma amostra entre 200 e 300 domicílios, distribuídos entre 10 a 20 comunidades, é adequado. Mais importante do que o tamanho preciso da amostra é a inclusão de diferentes tipos de comunidades e entrevistados. Para o teste piloto na Albânia, 257 *surveys* foram completados em 16 aldeias, representando três regiões diversas do país. Na Nigéria, um total de 300 domicílios foram entrevistados no país – em cada um dos três estados selecionados (Adamawa, Enugu e Osun), cinco cidades foram visitadas e 20 pessoas foram entrevistadas em cada cidade.¹¹

O objetivo do teste piloto é testar a aplicabilidade do questionário, conhecer quanto tempo se leva para completá-lo no contexto local, e afinar a logística do *survey*. Os resultados do teste piloto podem levar a modificações no enunciado das questões, a ajustes na carga de trabalho das equipes de campo, e a outros aperfeiçoamentos na implementação e gerenciamento do trabalho de campo. Uma vez que se baseiam em uma amostra não representativa, os dados coletados pelo teste piloto não são realmente adequados para análise (exceto, talvez, para testar a digitação dos dados e o programa de tabulação) e nunca devem ser integrados aos dados coletados durante a aplicação definitiva do QI-MCS.

As aplicações piloto do QI-MCS ajudaram a resolver várias questões que facilitarão o trabalho de campo. Por exemplo, questões que buscavam descobrir tendências ou mudanças ao longo do tempo provaram ser difíceis para vários entrevistados e podem se tornar mais fáceis quando é feita referência a eventos locais cruciais. Ao invés de perguntar genericamente acerca de mudanças desde cinco anos atrás, na Nigéria pode-se perguntar sobre o período pré-democrático em relação ao período pós-democrático. Na Albânia, pode-se perguntar em termos do período prévio à vinda dos refugiados de Kosovo em relação ao período posterior a esses eventos. Esse tipo de adaptação local torna mais fácil aos entrevistados fornecerem uma resposta mais exata e consistente. Há também experiências mistas com questões envolvendo respostas em escala. Muitos entrevistados tiveram dificuldades em distinguir, por exemplo, entre “relativamente provável” e “relativamente improvável”. A utilização de uma escala de 1 a 5 ajudou em alguns casos mas não em todos. Isso levou à reformulação das opções de resposta e da maneira como as escalas eram formuladas.

¹¹ O anexo 1 contém uma discussão detalhada dos testes piloto.

Uma questão final, em relação a qual o teste piloto pode ser útil, tem a ver com o modo como as respostas “não sei/não tenho certeza” são codificadas e como é classificada uma situação que “não se aplica” (por exemplo, a questão sobre quem tomaria conta das suas crianças em um domicílio sem filhos). Há duas maneiras de se fazer isso. Cada questão deve ter dois códigos adicionais explícitos para cobrir as situações de não resposta e não aplicáveis. Contudo, isso torna o questionário muito mais longo. A alternativa é instruir os entrevistadores no uso de códigos padronizados para essas duas situações, aplicáveis a todas as questões. Essas alternativas devem ser códigos que nunca são utilizados noutro sentido, tais como “88” para “não respondeu” e “99” para “não se aplica”. Como isso afeta tanto o trabalho de campo, como a digitação dos dados, as experiências piloto com ambas as situações devem ser consideradas na escolha final.

7. Sugestões de Análise de Dados¹²

Como foi explicado acima, o QI-MCS foi desenvolvido para ser integrado a um *survey* mais amplo como as PPVs, mas, para certas aplicações, pode ser usado como um *survey* separado. Em ambos os casos, faz sentido iniciar a análise observando-se os dados acerca do capital social sem quaisquer cruzamentos. O objetivo disso é inventariar o capital social existente, mapear a distribuição de capital social através das áreas ou grupos sócio-econômicos, e obter uma melhor visão das diferentes dimensões de capital social. Entretanto, com muita frequência, o objetivo analítico também é relacionar o capital social com variáveis secundárias, tais como o bem-estar ou a pobreza do domicílio, o acesso a serviços, ou indicadores gerais de desenvolvimento. Esse tipo de análise só é possível, evidentemente, quando o QI-MCS estiver incluído em uma PPV ou em um *survey* semelhante.

O primeiro tipo de análise será a tabulação dos dados e, devido ao conteúdo do QI-MCS, será centrada em três indicadores básicos de capital social: participação em associações e redes (capital social estrutural), confiança e adesão a normas (capital social cognitivo) e ação coletiva (uma medida de resultado). Análise de frequências é uma maneira simples e conveniente de organizar os dados e extrair mensagens básicas que os dados contêm. No caso do QI-MCS, as mensagens básicas têm a ver com até que ponto o capital social é observado entre diferentes tipos de domicílio e as principais características ou dimensões desse capital social. De acordo com a discussão conceitual anterior, ficou claro que a análise das dimensões do capital social deve estar ancorada nas distinções entre o capital social estrutural e cognitivo, entre o capital social de ligação, de ponte e de conexão. Algumas partes da informação sobre o domicílio podem ser agregadas ao nível da comunidade e cruzadas com suas diferentes características.

A principal limitação da análise de frequências é o fato de que apenas algumas variáveis podem ser tabuladas de uma vez, tornando difícil discernir a contribuição do capital social para o bem-estar do agregado doméstico, ou para o desenvolvimento de outras variáveis secundárias. A segunda parte da análise exigirá a inclusão de análises

¹² Esta seção baseia-se essencialmente no Capítulo 3 em Grootaert e van Bastelaer (2002b)

econométricas, especialmente a estimativa de modelos multivariados de bem-estar doméstico. Tais modelos têm como objetivo identificar a contribuição do capital social nos aspectos monetários e não monetários do bem-estar do domicílio (consumo de bens, saúde e educação) em relação a outros bens domésticos, tais como terras, capital físico e humano. Uma preocupação central nesse tipo de análise é a direção da causalidade: o capital social torna possível o maior bem-estar doméstico, ou o maior bem-estar doméstico permite a aquisição de mais capital social?

Um amplo trabalho empírico revelou três indicadores úteis para medir o capital social de maneira relevante para as políticas públicas. O primeiro deles é a participação em associações e redes locais, que pode ser derivada do módulo 1 do QI-MCS. Esse indicador de capital social estrutural baseia-se na densidade de associações e na incidência de participações no domicílio. Vários aspectos da associação (tais como diversidade interna) e funcionamento institucional (tais como o nível de decisão democrática) também são indicadores relevantes. No caso das redes, que são menos formais, a informação chave é o escopo da rede a diversidade interna dos associados.

O segundo conjunto de variáveis consiste em indicadores de confiança e solidariedade, que abrangem o capital social cognitivo, e que podem ser obtidos a partir do módulo 2 do QI-MCS. Essas medidas baseiam-se nas expectativas e experiências dos entrevistados em relação a comportamentos que impliquem confiança. Um aspecto importante disso é quanta assistência os domicílios receberam, ou receberiam, de membros de sua comunidade ou rede, em caso de necessidade.

Indicadores de ação coletiva constituem o terceiro conjunto de variáveis que dão conta do capital social, e podem ser retiradas do módulo 3 do QI-MCS. A oferta de muitos serviços requer ação coletiva por parte de um grupo de indivíduos. Até que ponto essa ação coletiva ocorre pode ser medido e é um indicador de capital social subjacente (pelo menos até onde a cooperação não é imposta por uma força externa, tal como o governo).

Esses três tipos de indicadores medem o capital social a partir de diferentes pontos de vista. A participação em associações e redes é claramente um indicador de entrada (de capital social), uma vez que as associações e redes são meios através dos quais o capital social pode ser acumulado. Esse indicador assemelha-se ao uso de anos de escolaridade como índice de capital humano. A confiança pode ser vista como um indicador de entrada ou de produção (de capital social), ou mesmo como uma medida direta de capital social, dependendo da abordagem conceitual adotada. A ação coletiva é um indicador de produção. Devido às suas diferentes perspectivas, recomenda-se que esses três tipos de indicadores sejam tabulados e analisados em conjunto, a fim de fornecer um quadro mais completo do capital social e de seus impactos.

Enquanto os módulos 1 a 3 do QI-MCS provêm informações para calcular as três medidas básicas de capital social, os módulos 4 a 6 coletam dados que tornam possível examinar com mais detalhe certos aspectos ou manifestações de capital social. O módulo 4 reúne dados sobre as fontes de informação e comunicação à disposição dos membros da comunidade. Os módulos 5 e 6 estão voltados para dois importantes resultados do capital

social: a coesão e a inclusão social, assim como a autoridade ou capacitação (empowerment) e ação política.

Manter e reforçar o capital social depende essencialmente da habilidade dos membros de uma comunidade em comunicar-se entre si, com outras comunidades e com membros de suas redes que vivem fora da comunidade. Assim, o módulo 4 investiga a disponibilidade e a quantidade de meios importantes de comunicação e fontes de informação: correios, telefones, jornais, rádio e televisão. Uma vez que o contato pessoal é provavelmente a forma mais importante e direta de comunicação, o módulo também investiga a distância das viagens e se o domicílio do entrevistado é acessível durante o ano todo.

O grau de coesão e inclusão social é um dos resultados positivos mais importantes da presença de capital social em uma comunidade. O módulo 5 verifica em detalhe diversos aspectos desse fato. A inclusão social é verificada no contexto do acesso a serviços importantes, tais como educação, saúde e justiça. Onde as pessoas estão excluídas desses serviços, as razões são investigadas e a severidade da exclusão é averiguada, especialmente se a situação alguma vez levou à violência. O nível geral de conflito e violência na comunidade também é averiguado de maneira subjetiva, ou seja, através das percepções dos entrevistados em relação à segurança e o medo de se tornarem vítimas de crimes. Do ponto de vista positivo, um alto nível de sociabilidade normalmente é característico de uma comunidade socialmente coesa; desse modo, o módulo 5 contém uma ampla série de questões acerca das interações sociais cotidianas.

Por último, o módulo 6 examina até que ponto os entrevistados se sentem com autoridade ou capacitados (empowered) e participam de ações políticas. Enquanto a autoridade ou capacitação (empowerment) é um conceito amplo, o QI-MCS focaliza o controle sobre as decisões que afetam diretamente a vida cotidiana. O questionário pergunta acerca de um conjunto de meios concretos através dos quais as pessoas tentaram aumentar esse controle, tais como as petições aos membros do governo, participação em reuniões abertas e em eleições. Uma vez que a iniciativa para tomar esse tipo de atitudes é afetada pelas percepções acerca da honestidade dos membros do governo e o nível de corrupção, algumas questões básicas para se verificar isso foram incluídas.

Apresentaremos a seguir algumas sugestões para análise de frequências de cada um dos seis módulos do QI-MCS (seções 7.1 a 7.6), seguidas por uma breve discussão sobre análise multivariada (seções 7.7 a 7.9).

7.1 Grupos e redes

O capital social ajuda a disseminar informações, reduz o comportamento oportunista e facilita a tomada de decisões coletiva. A eficácia com que o capital social estrutural, na forma de associações e redes, cumpre esse papel, depende de vários aspectos desses grupos, refletindo sua estrutura, sua associatividade, e o modo como funcionam. O QI-MCS torna possível descrever as organizações em quatro dimensões fundamentais: a densidade de associação, a diversidade de associações, o nível de funcionamento democrático, e a extensão das conexões com outros grupos.

Ao nível dos domicílios, a densidade de associação é medida pela média dos membros em cada agregado que pertencem a organizações existentes (isso pode ser normalizado pelo tamanho do domicílio). Esse indicador básico pode ser cruzado por localidade (região, província, urbano/rural) ou características sócio-econômicas do domicílio (faixa de renda, idade e gênero do chefe de família, religião, e etnia) a fim de obter a distribuição das associações. Esse indicador também pode ser desagregado pelo tipo de organização. Uma classificação funcional atenta para o objetivo principal da associação (educação, saúde, crédito etc.) Outra classificação útil refere-se ao escopo do grupo: se os grupos operam apenas na comunidade, são filiados a outros grupos (dentro ou fora da comunidade), ou são parte de uma estrutura federada. Grupos com ligações freqüentemente têm melhor acesso a recursos, especialmente de fora da comunidade, tais como do governo ou de ONGs. Utilizando a informação sobre a participação em associações, as organizações podem ser classificadas conforme representam primordialmente capital social de ligação, de ponte ou de conexão (Woolcock e Narayan 2000; Banco Mundial 2000).

Os dados do QI-MCS possibilitam averiguar a diversidade interna das organizações de acordo com nove critérios: parentesco, religião, gênero, idade, etnia/grupo lingüístico, ocupação, educação, filiação política e nível de renda. A informação sobre diversidade pode ser usada separadamente ou em combinação com um índice. Por exemplo, um “grau de diversidade” pode ser calculado para cada organização, variando entre 0 e 9. As médias desses graus podem ser calculadas em relação a todas as organizações às quais pertencem os membros dos domicílios ou apenas às mais importantes. Não é evidente de imediato se um maior grau de diversidade interna é um fator positivo ou negativo do ponto de vista do capital social. Poderia se sustentar, por um lado, que uma associação internamente homogênea tornaria mais fácil para os membros da associação confiarem uns nos outros, para compartilhar informações ou tomar decisões. Por outro lado, esses membros também podem ter informações semelhantes, de modo que pouco se ganharia em trocar idéias. Além disso, a coexistência de uma série de associações internamente homogêneas, mas segundo critérios diferentes, poderia tornar o processo de tomada de decisões ao nível da comunidade mais difícil. Análises em vários países sugerem que associações internamente diversificadas produzem maiores benefícios do que outras, embora associações homogêneas facilitem a ação coletiva (Grootaert 1999, 2001).

Em geral, acredita-se que as organizações que seguem um padrão democrático de tomada de decisões sejam mais eficazes do que as outras. Um indicador que mede a participação na tomada de decisões pode, assim, completar o conjunto de indicadores de capital social estrutural. Isso pode ser feito com base nas questões 1.15 a 1.17. As respostas para essas questões podem ser tabuladas separadamente segundo o tipo de organização (a fim de verificar se certas categorias de organização são mais democráticas que outras) ou em relação a variáveis geográficas ou sócio-econômicas (para verificar se as organizações em certas regiões do país tendem a funcionar mais democraticamente, ou se organizações dos pobres funcionam diferentemente das organizações dos ricos). As questões também podem ser combinadas em um “grau de funcionamento democrático” de modo semelhante ao cálculo do grau de diversidade.

Em relação às redes, o QI-MCS provê três informações: o tamanho da rede, sua diversidade interna e até que ponto a rede daria assistência em caso de necessidade. Uma vez que “rede” é um conceito difícil de se definir concretamente no contexto de um *survey* domiciliar, uma abordagem pragmática foi adotada: uma rede é entendida como um círculo de “amigos próximos”, ou seja, pessoas com as quais alguém se sente à vontade, para conversar sobre assuntos particulares ou chamar caso necessite de ajuda. O tamanho da rede é percebido simplesmente pelo número de amigos próximos. A utilidade da rede é medida perguntando-se aos entrevistados se eles contariam com a rede em uma série de situações emergenciais hipotéticas. As respostas a essas questões podem ser agregadas para gerar um “grau de ajuda mútua” para a rede. A diversidade é verificada de maneira mais simples do que no caso das associações, ao focalizar somente se a rede consiste de pessoas de diferentes situações econômicas. Essa é uma característica essencial para determinar a habilidade da rede em fornecer recursos ao entrevistado em caso de necessidade e, com isso, a utilidade da rede no gerenciamento do risco.

7.2 Confiança e Solidariedade

A medida do capital social cognitivo no QI-MCS organiza-se em torno dos temas da confiança e da solidariedade. A confiança é um conceito abstrato, difícil de medir no contexto de um questionário domiciliar, em parte porque pode significar coisas diferentes para pessoas diferentes. A abordagem do QI-MCS é centrada na confiança em geral (até que ponto se confia nas pessoas em geral), e em até que ponto se confia em tipos específicos de pessoas. A confiança também é observada no contexto de transações específicas, tais como emprestar e tomar emprestado. Devido às dificuldades em se medir o nível de confiança, as questões nessa seção são um tanto redundantes. Em parte, isso serve ao propósito de contrapor as respostas para diferentes perguntas. É possível cruzar os resultados para cada questão de confiança com as características geográficas ou sócio-econômicas, mas, por causa da complexidade do conceito de confiança, recomenda-se utilizar análise fatorial ou análise do componente principal para identificar os fatores comuns entre as diferentes perguntas. Essa abordagem foi utilizada com sucesso em trabalhos empíricos. Por exemplo, um estudo sobre confiança em Uganda descobriu que, de uma série de questões sobre confiança, emergiram três fatores, que identificam três diferentes dimensões da confiança: confiança em agências, nos membros do entorno imediato e na comunidade de negócios (Narayan e Cassidy 2001).

7.3 Ação coletiva e cooperação

A ação coletiva é o terceiro tipo básico de indicador para medir capital social. A utilidade desse indicador vem do fato de que na vasta maioria das localidades, a ação coletiva somente é possível quando há um nível significativo de capital social à disposição na comunidade. A principal exceção ocorre no caso de sociedades totalitárias, onde o governo pode forçar as pessoas a trabalharem juntas em projetos de infra-estrutura ou outros tipos de atividades comuns. Desse modo, a validade do indicador ação coletiva, como medida de capital social, precisa ser analisada em relação ao contexto político de uma sociedade. Os indicadores de capital social estrutural e cognitivo, discutidos anteriormente, podem ser úteis nesse caso. A ação coletiva é um aspecto importante da

vida de uma comunidade em muitos países, embora os objetivos da ação possam diferir bastante. Em alguns países, a ação coletiva consiste basicamente em atividades comunitariamente organizadas para a construção e manutenção de infra-estrutura e para prestar os serviços públicos relacionados. Em outros países, a ação coletiva é mais politicamente orientada e utilizada basicamente como lobby junto a oficiais eleitos para obter mais serviços para a comunidade.

A seção sobre ação coletiva do QI-MCS tem por objetivo coletar três informações: o grau de ação coletiva, o tipo de atividades desenvolvidas coletivamente e uma percepção geral do grau de iniciativa para cooperar e participar de ações coletivas. Cada uma dessas variáveis pode ser cruzada com o conjunto usual de variáveis geográficas e sócio-econômicas, a fim de obter um padrão da incidência de ação coletiva. Mais interessante, talvez, é o cruzamento das variáveis de ação coletiva com os indicadores de capital social estrutural e cognitivo, discutidos previamente. Isso revelaria se as comunidades com alta densidade de organizações e/ou altos níveis de confiança também apresentam maiores índices de ação coletiva. Quaisquer correlações reveladas por tais tabulações poderiam ser objeto de análises multivariadas posteriores.

7.4 Informação e comunicação

O módulo 4 do QI-MCS tem uma estrutura simples: trata-se de uma lista das fontes de informação e dos meios de comunicação. A análise dessa informação é igualmente direta. Cada item deve ser tabulado separadamente em relação às variáveis geográficas e sócio-econômicas para identificar se certas áreas ou grupos têm melhor ou pior acesso à informação e à comunicação. O padrão identificado pode ser comparado com o padrão de capital social estrutural e cognitivo estabelecido com base nos módulos anteriores. Se áreas com baixo capital social tiverem pouco acesso à informação e à comunicação, investigações mais aprofundadas quanto às possíveis causas podem ser necessárias.

A informação obtida no módulo 4 também pode ser agregada, ao nível do domicílio ou ao nível da comunidade, a fim de obter um único grau de acesso à informação e à comunicação. A análise fatorial ou a análise do componente principal podem ser técnicas apropriadas para isso. Duas questões, entretanto, devem ser analisadas separadamente, uma vez que versam sobre fontes de informações específicas: atividades do governo (questão 4.7) e informação sobre o mercado (questão 4.8). Essas questões têm dois objetivos: primeiro, elas possibilitam averiguar qual é a importância relativa de grupos e redes como fontes de informação importantes, em comparação com fontes “impessoais”, tais como jornais ou a televisão. Em segundo lugar, uma vez que a informação sobre atividades do governo e mercados é diretamente relevante para a geração de renda e/ou para os aspectos não monetários do bem-estar, ela pode ser incluída como variável explanatória na análise multivariada do bem-estar do domicílio. (ver seção 9.8).

7.5 Coesão e inclusão social

O módulo 5 do QI-MCS junta três tópicos relacionados: inclusão, sociabilidade, conflito e violência. A seção sobre inclusão abrange desde percepções gerais sobre o sentimento

de comunhão e unidade social da comunidade, até experiências com exclusão. O entrevistado é questionado, primeiro, se há alguma divisão na comunidade e, caso haja, quais as características que levam a isso. As questões sobre exclusão em relação a serviços ao nível da comunidade são seguidas de questões mais diretas, tais como se o entrevistado alguma vez já foi vítima de exclusão. A informação mais relevante em termos de políticas públicas virá do cruzamento detalhado da presença de exclusão por tipo de serviço com as características tidas como motivo de exclusão. Essa tabulação esclarecerá se a exclusão existe na comunidade, devido a características tais como gênero ou etnia, ou se as razões para a exclusão variam segundo o tipo de serviço ou a atividade. Tal informação possui um alto valor diagnóstico na identificação das causas do stress social na comunidade. Para comparar a incidência da exclusão entre as comunidades, um “grau de exclusão” pode ser construindo somando-se as respostas para várias questões. Por exemplo, as cinco alternativas da questão 5.6 utilizam uma escala comum, que pode ser facilmente agregada.

Uma das manifestações positivas de um alto grau de capital social numa comunidade é a ocorrência de freqüentes interações sociais cotidianas. Essa “sociabilidade” pode ser encontrados com pessoas em espaços públicos, visitas às casas dos outros e visitas dos outros à própria casa, e participação em eventos comunitários, tais como esportes ou cerimônias. A seção sobre sociabilidade, no módulo 5, cobre cada uma dessas situações. Para verificar se essas interações sociais diárias são do tipo ligação ou ponte, pergunta-se aos entrevistados se as pessoas com as quais se encontram são do mesmo grupo étnico ou lingüístico, ou grupo religioso, e se são da mesma posição social ou situação econômica. A diversidade das interações sociais pode ser comparada com a diversidade das associações (abordadas no módulo 1). Relacionadas, essas duas informações sobre diversidade fornecem uma boa imagem da divisão ou coesão interna de uma comunidade, e se predomina o capital social de ligação ou de ponte.

A presença de conflito em uma comunidade ou em uma área maior é com freqüência um indicador da falta de confiança ou de capital social estrutural apropriado para resolver conflitos, ou ambos. O QI-MCS reúne três importantes informações sobre conflito e violência: o grau e o tipo de violência, a contribuição da divisão interna da comunidade e os sentimentos de insegurança, originados pelo medo do crime e da violência. A fim de combinar as percepções com os fatos, as últimas quatro questões nesse módulo versam sobre a experiência recente do domicílio com o crime. É útil tabular essa informação tanto ao nível do domicílio, quanto ao nível da comunidade. É muito provável que as percepções acerca da violência, assim como a experiência em relação a ela, sejam diferentes entre domicílios pobres e ricos, entre pessoas idosas e jovens, etc. Do mesmo modo, comunidades diferentes podem ter experiências muito diversas em relação ao conflito e à violência, mesmo que geograficamente próximas. A comparação entre as comunidades ficará mais fácil se forem agregadas diferentes questões sobre conflito e violência, no módulo 5, diretamente ou por meio de análise fatorial.

7.6 Autoridade ou capacitação (Empowerment) e ação política

A seção final do QI-MCS adota uma visão ampla, que transcende o capital social. Autoridade ou capacitação (empowerment) refere-se à expansão dos recursos e capacidades das pessoas em tomar parte, negociar, influenciar, controlar e responsabilizar instituições que afetam suas vidas (Banco Mundial 2002). Autoridade ou capacitação (empowerment) é atribuída a uma ampla variedade de ações, tais como tornar as instituições estatais mais ágeis na assistência aos pobres, remover barreiras sociais e criar oportunidades sociais (Banco Mundial 2000). Autoridade ou capacitação (empowerment) é, assim, um conceito mais amplo que o de capital social, e a ação política é apenas uma das atitudes que podem ser tomadas para aumentar a autoridade ou a capacitação (empowerment).

No contexto do QI-MCS, autoridade ou capacitação (empowerment) é definida mais precisamente como a habilidade para tomar decisões que afetam as atividades cotidianas e que podem mudar o curso de vida das pessoas. Os entrevistados são diretamente questionados, no sentido de avaliar essa habilidade, nas questões 6.2 a 6.4. Como foi dito, a ação política é um meio para aumentar essa habilidade. O módulo 6 considera diversas ações políticas concretas, tais como escrever petições, participar de reuniões abertas, reuniões com políticos, participar de demonstrações e campanhas e votar em eleições. A análise dessa informação pode seguir um padrão semelhante ao recomendado para o módulo anterior. Os dados podem ser agregados ao nível do domicílio e ao nível da comunidade. Domicílios diferentes, dependendo de suas características demográficas, econômicas e sociais, se sentirão diferentemente autorizados ou capacitados (empowered) e participarão de ações políticas em graus diversos. É útil comparar esse padrão de autoridade ou capacitação (empowerment) com padrões de acesso à informação, medo da violência, sociabilidade, e outras dimensões de capital social derivadas de outros módulos. Pelo mesmo sistema, a análise anterior já terá fornecido um grau de coesão e inclusão social para a comunidade, e essa informação pode ser complementada com um grau de autoridade ou capacitação (empowerment) e ação política para a comunidade.

7.7 Análise multivariada: capital social e bem-estar doméstico

As tabulações propostas até aqui tinham como objetivo principal mapear as diferentes dimensões de capital social segundo as características geográficas e sócio-econômicas. Em sua maioria, essas tabulações partiram essencialmente dos dados coletados por meio do QI-MCS. Várias questões importantes em termos de políticas públicas só podem ser abordadas por meio de análise multivariada e pela combinação dos dados do QI-MCS com a PPV. Essas questões incluem:

- Qual é a contribuição do capital social para o bem-estar doméstico, ou seja, os domicílios com maior grau de capital social, conforme a medição pelos indicadores propostos até agora, encontram-se em melhores condições?
- Qual é a importância do capital social para a redução da pobreza?

- Quais são os determinantes do capital social?

Essas questões consideram o papel do capital social na estratégia de redução da pobreza apresentada no *Relatório sobre Desenvolvimento Mundial 2000/2001* (Banco Mundial 2000). A primeira questão trata do papel do capital social na criação de oportunidades para incrementar a renda e melhorar outras dimensões do bem-estar, tais como saúde e educação. Isso inclui o quanto o capital social melhora o acesso ao crédito, contribuindo assim para reduzir a vulnerabilidade. A segunda questão versa sobre a importância relativa do capital social no conjunto de recursos dos domicílios pobres. A terceira questão trata do problema crucial da construção do capital social, um elemento central no pilar autoridade ou capacitação (empowerment) da estratégia para redução da pobreza apresentada no *Relatório sobre Desenvolvimento Mundial*.

A análise da contribuição do capital social para o bem-estar doméstico pode ser feita no contexto de uma estrutura conceitual simples, que vê o capital social como uma classe de recursos disponíveis aos domicílios para gerar renda e possibilitar o consumo. O domicílio dispõe de recursos que consistem em recursos físicos (terra, equipamento, gado etc.), capital humano (anos de escolaridade e experiência de trabalho), e capital social. O agregado doméstico combina esses recursos para tomar parte em atividades produtivas, tanto em empreendimentos no âmbito doméstico, como no mercado de trabalho externo. Esse modelo pode ser formalizado em um conjunto de equações estruturais, configurando um modelo convencional do comportamento econômico do domicílio sob maximização da utilidade restringida. Ao reconhecer que o comportamento consumista do agregado doméstico é função do nível e da composição da renda, o conjunto de equações estruturais pode ser resumido por uma equação reduzida, que expressa o consumo do agregado diretamente como uma função da disponibilidade de recursos e outras características exógenas ao domicílio, e também do ambiente econômico em que toma as suas decisões. Isso leva a seguinte equação estimativa genérica:

$$\ln E_i = a + bSC_i + cHC_i + dOC_i + eX_i + fZ_i + u_i \quad (1)$$

Onde E_i = gasto *per capita* do domicílio i

SC_i = quantidade de capital social de que o domicílio dispõe

HC_i = quantidade de capital humano de que o domicílio dispõe

OC_i = quantidade de outros recursos de que o domicílio dispõe

X_i = um vetor das características do domicílio

Z_i = um vetor das características da comunidade/região

u_i = erro aleatório

A principal característica desse modelo é o pressuposto de que o capital social é verdadeiramente capital e, portanto, tem um retorno para o domicílio mensurável. Esse pressuposto tem sido objeto de debate entre cientistas sociais. Economistas têm indicado que o capital social tem muitas características do capital: requer recursos (especialmente tempo) para ser produzido, e está sujeito à acumulação e à depreciação. O estoque de capital social pode levar a um fluxo de benefícios que podem ser de diversas formas: melhor acesso ao crédito, à educação e serviços de saúde, melhor gerenciamento de risco

etc. Entretanto, outros economistas têm apontado a falta de um mercado para a troca de capital social, típico de outros tipos de recursos. Alguns antropólogos têm expressado a opinião de que os fenômenos sociais que o capital social abrange (instituições e redes, e suas normas e valores subjacentes) são parte da dinâmica essencial de uma sociedade e não devem ser reduzidos ao rótulo de “capital”.

Cada analista precisa determinar se ele ou ela aceita ou não esse pressuposto. Se o pressuposto for aceito, a principal proposição que pode ser testada empiricamente por meio da equação (1), é a de que as redes e organizações a que pertencem as pessoas, assim como suas normas e valores subjacentes, contêm benefícios mensuráveis para esses indivíduos, e levam, direta ou indiretamente, a um maior nível de bem-estar. O impacto geral no bem-estar pode ser estimado se o nível de consumo do domicílio for usado como variável dependente na equação. O impacto nos aspectos específicos do bem-estar também pode ser estimado utilizando-se outras variáveis secundárias como variáveis dependentes: utilização de serviços de educação e saúde, acesso ao crédito, à tecnologia e insumos agrícolas etc.

Um crescente número de estudos empíricos tem sido realizado que utilizam a equação (1) ou variantes dela.¹³ Talvez o principal achado dessa pesquisa tenha sido o enorme efeito do capital social sobre o bem-estar doméstico. Vários estudos descobriram que retornos estimados do capital humano e do capital social são bastante semelhantes. Em países mais pobres, os retornos do capital social inclusive excedem os do capital humano. Há alguma evidência para sugerir que, em tais contextos, o capital social atua como um substituto para a educação. Outra descoberta importante e razoavelmente consistente, é que os benefícios de se tomar parte em organizações internamente diversificadas, são maiores do que a participação em organizações cujos membros são mais parecidos do que diferentes. As razões disto podem ter a ver com o maior potencial para trocar conhecimentos e informação e para administrar riscos coletivamente. Membros de diferentes origens podem ter mais conhecimentos diversos, e podem ser capazes de partilhar os riscos com mais eficácia, uma vez que é provável terem diferentes fontes de renda (Grootaert 2001).

Uma das importantes maneiras pelas quais o capital social pode contribuir para o bem-estar domiciliar é tornar os empreendimentos domésticos mais rentáveis. Para agricultores, maior rentabilidade pode ocorrer por meio de melhor acesso à tecnologia, insumos agrícolas e crédito. No caso de atividades de comércio, boas redes de clientes e fornecedores constituem um capital social que complementa o capital financeiro, físico e humano do comerciante. Em situações onde estabelecer contratos é muitas vezes difícil e caro, essas redes minimizam os custos das transações e aumentam a rentabilidade. Um estudo sobre comerciantes agrícolas em Madagascar mostrou que tais redes levam a maiores vendas e valores agregados, e têm efeito maior do que o efeito do capital trabalho, do equipamento, do labor e do gerenciamento (Fafchamps e Minten 2002).

Outros estudos multivariados tentaram investigar se o capital social melhora as dimensões não monetárias do bem-estar, especialmente a saúde e a educação. Um estudo

¹³ Para uma revisão ver Gootaert (2001) e o Capítulo 3 em Gootaert e Van Bastelaer (2002b).

dos sistemas de abastecimento de água em Java Central, na Indonésia, mostrou que o capital social teve um efeito positivo no desenvolvimento, construção e manutenção dos sistemas de abastecimento de água em aldeias, o que por sua vez melhorou a saúde doméstica. O interessante é que esses efeitos foram observados apenas para sistemas de água canalizada e não para poços públicos. Parece que os sistemas de água canalizada requerem mais esforço coletivo e cooperação para construção e manutenção, de tal modo que o papel do capital social é mais decisivo para o seu sucesso (Isham e Kahkonen 2002).

O melhor acesso à educação geralmente é a chave para a habilidade das futuras gerações em saírem da pobreza. Um maior envolvimento da comunidade e dos familiares nas escolas pode melhorar a qualidade da escolarização e reduzir a taxa de abandono. Coleman (1988) foi o primeiro a fazer essa observação quanto ao papel do capital social na aquisição do capital humano, no contexto das *high schools* americanas, o que provou ser válido em diversos outros países. Um estudo em Burkina Faso, por exemplo, utilizou a média de atendimento dos familiares às reuniões da associação entre pais e professores (APP) como um indicador educacional específico de capital social. Após o controle por várias características da aldeia e dos domicílios, o estudo chegou à conclusão de que um maior atendimento às reuniões da APP estava associado a um aumento significativo da probabilidade das crianças freqüentarem a escola (Grootaert, Oh e Swam 1999).

Finalmente, a última questão é se o capital social ajuda o pobre na mesma medida em que ajuda o rico e se os investimentos em capital social ajudam grupos pobres a escaparem da pobreza. Um ponto de partida útil para responder a essa questão foi observar a distribuição da posse de capital social relativo a outros tipos de recursos. Um estudo na Bolívia descobriu que o capital social é muito mais igualmente distribuído do que os recursos físicos e o capital humano (Grootaert e Narayan 2000). Isso significa que os domicílios pobres na Bolívia têm relativamente mais capital social do que outros recursos. Essa questão pode ser aprofundada por meio de várias técnicas multivariadas. Em algumas circunstâncias (por exemplo, quando há medidas significativas de erro em dados de consumo nos extremos da distribuição), pode ser desejável estimar um modelo *probit* da chance de ser pobre. Estudos que utilizaram esse método geralmente concluíram que o capital social reduz significativamente a probabilidade de ser pobre (Grootaert 2001).

Também é possível explorar ainda mais se o papel do capital social é diferente para o pobre e para o rico. Isso pode ser feito por meio de regressões quantis (quantile regressions), que estimam a linha de regressão através de determinados pontos na distribuição da variável dependente. Os resultados de diversos países sugerem que os retornos do capital social são maiores no final da distribuição. A mesma questão pode ser abordada dividindo-se a amostra de acordo com uma variável de recursos exógenos, tal como educação ou posse de terras. Esse método também indicou, para diversos países, que os retornos do capital social eram maiores para pequenos proprietários do que para domicílios com posses maiores de terra (Grootaert 2001).

7.8 A questão da endogenia

Todos os métodos multivariados e resultados discutidos até aqui dependem, essencialmente, do pressuposto de que o capital social é parte da disponibilidade de recursos exógenos ao domicílio, ou seja, os recursos que determinam a renda e o consumo. Esse pressuposto precisa ser examinado cuidadosamente. A formação de redes e associações pode ser dispendiosa em termos de tempo e outros recursos. Possivelmente, domicílios com maior renda podem, portanto, empregar mais recursos na formação de redes e assim adquirir mais capital social com maior facilidade. Isso não é diferente da situação do capital humano, cuja demanda também aumenta com a renda. Existe a possibilidade de que o capital social seja, como o capital humano, ao menos em parte, um bem de consumo. Até que ponto esse é o caso depende, em parte, do tipo de rede ou associação. Por exemplo, a demanda pela participação em grupos sociais, a fim de praticar atividades de lazer, tende a aumentar com a renda, porque o lazer é geralmente um bem de luxo. Se o capital social é, em parte, um bem de consumo, a causalidade reversa, de nível de bem-estar para capital social, é possível. Em termos econométricos, o capital social se torna endógeno, e seu coeficiente estimado será enviesado para mais se a equação (1) é estimada pelo Método dos Mínimos Quadrados (MMQ).

A solução padrão para problemas de endogenia é usar estimativa de variáveis instrumentais, que fornece um teste empírico para o nível de causalidade em duas vias. O verdadeiro desafio de se aplicar esse método é encontrar um conjunto de instrumentos adequados para o capital social: os instrumentos devem determinar o capital social, mas não o bem-estar doméstico (nem ser determinados pelo bem-estar doméstico). Não é uma tarefa fácil identificar tais instrumentos, e apenas um número limitado de estudos empíricos teve algum sucesso com essa abordagem.¹⁴

7.9 Os determinantes do capital social

A última questão a ser abordada pela análise multivariada é quais são os determinantes da criação do capital social. Embora o capital social compartilhe muitos atributos com outras formas de capital, é fundamentalmente diferente em pelo menos um aspecto, nomeadamente, no fato de que sua criação implica a interação entre pelo menos duas pessoas e normalmente entre um maior grupo de pessoas. Se o capital social não é sujeito aos mesmos intercâmbios interpessoais do mercado, através dos quais o capital físico, por exemplo, pode ser adquirido ou vendido, então como se obtém o capital social? A literatura tem demonstrado que a criação de capital social é um processo complexo, fortemente influenciado por fatores sociais, políticos e culturais, assim como por tipos dominantes de atividades econômicas. A construção de modelos empíricos com o capital social como variável dependente terá que ser, portanto, muito mais complexa do que os modelos que buscam meramente asseverar qual é a contribuição relativa do capital social, juntamente com outros determinantes do bem-estar. Desse modo, é preciso grande cautela caso os dados do QI-MCS sejam utilizados em análises multivariadas, onde o

¹⁴ Esta questão é discutida em maior profundidade no Capítulo 3 de Grootaert e van Bastelaer (2002b). Durlaf (2002) fornece uma revisão crítica de estudos empíricos sobre capital social, centrados na questão da endogenia.

capital social é a variável dependente. Mesmo quando o QI-MCS é combinado a uma PPV, o que fornece informações sobre um grande número de variáveis sócio-econômicas, o número de determinantes da criação de capital social que podem ser, de fato, capturados a partir de um modelo quantitativo, baseado nesses dados, pode ser apenas um pequeno sub-conjunto do total de variáveis relevantes. No mínimo, tal modelo estaria sujeito a um significativo viés de especificação. É provável que o processo de criação (e destruição) de capital social possa ser melhor compreendido por meio de uma variedade de estudos qualitativos em profundidade. Métodos quantitativos multivariados poderiam ser utilizados, então, para testar empiricamente aspectos específicos do processo de criação descoberto pelos estudos qualitativos. Exemplos desse tipo de abordagem podem ser encontrados em Grootaert e van Bastelaer (2002a).

8. Relatório e divulgação dos dados

Conforme a discussão na seção anterior indicou, a análise dos dados sobre capital social pode ser complexa. Extrair mensagens relevantes e transmiti-las em termos simples para os formuladores de políticas públicas pode ser um desafio à parte. A primeira questão a ser trabalhada é como exprimir o significado operacional do capital social. A literatura sobre capital social encontra-se, infelizmente, repleta de múltiplas definições, muitas das quais são contraditórias em termos do que constitui ou não o capital social. Isso confunde tanto o leitor casual, quanto os especialistas, em relação às delimitações mais apropriadas para uma definição relevante do capital social em termos de políticas públicas. Algumas vezes, é útil manter o foco no setor de interesse, como por exemplo, quando um estudo sobre capital social é realizado no contexto de reformas políticas educacionais. A explicação para o conceito, assim como a lista das instituições e normas relevantes, podem ser restritas àquelas que tiverem uma relação direta com a educação. Organizações de pais e professores e sindicatos de professores podem ser mais importantes para a reforma educacional do que, por exemplo, poupança rotativa e associações de crédito.

O segundo desafio é não sobrevalorizar o papel do capital social no relatório para os formuladores de políticas públicas. Já houve algumas críticas válidas no sentido de que em alguns relatórios ou estudos, o capital social foi apresentado como a cura para todos os problemas de desenvolvimento. Muitos dos estudos empíricos realizados até hoje têm demonstrado que os efeitos do capital social não são marginais e, muitas vezes, encontram-se na mesma ordem de magnitude que outros determinantes do desenvolvimento, e esse dado pode ser legitimamente comprovado. Todavia, em quase todos os casos, os efeitos do capital social só se efetivam por causa de sua sinergia com outros recursos. Essa é uma consideração fundamental que se deve ter em mente ao desenvolver recomendações para políticas voltadas para o capital social.

Quase inevitavelmente, relatórios aos formuladores de políticas públicas que apontam para os fortes impactos do capital social suscitam a questão de como o capital social existente pode ser fortalecido e/ou como novo capital social pode ser criado. Parece justo afirmar que a literatura sobre o capital social tem tido mais sucesso em documentar o

impacto benéfico do capital social, do que derivar prescrições políticas e fornecer linhas de orientação sobre como investir nele. “Investir” em capital social é mais difícil do que investir em capital humano, para o que há várias abordagens já testadas e à disposição (construção de escolas, treinamento de professores, desenvolvimento de currículos adequados etc.). Recomendações equivalentes para investir em capital social ainda não surgiram. Ao apresentar aos formuladores de políticas públicas os resultados de estudos analíticos, baseados no QI-MCS, ou em outros instrumentos do capital social, é apropriado ser suficientemente cauteloso.

Apesar destas limitações, os resultados de estudos analíticos bem desenvolvidos sobre capital social podem ter várias implicações diretas sobre o desenvolvimento de políticas públicas e projetos. Como esperamos ter demonstrado neste *paper*, as ferramentas analíticas estão suficientemente desenvolvidas para registrar a presença e as formas de capital social em uma comunidade. Incluir essas informações no desenho de projetos pode levar ao desenvolvimento de atividades que, no mínimo, não afetem negativamente as estruturas e as normas sociais existentes. Além disso, os resultados do estudo podem ajudar na seleção de projetos alternativos. As informações sobre a existência e as formas de capital social em uma comunidade podem ajudar a selecionar o desenho que maximize o papel do capital social sobre os resultados dos projetos. Nesse contexto, é importante proceder à verificação do capital social nos estágios iniciais do desenvolvimento de projetos.

9. Completando o círculo: retorno para futuros aperfeiçoamentos

Esse documento procurou explicar as origens e os objetivos do QI-MCS, assim como os possíveis usos para os dados coletados a partir dele. Conforme o texto indicou, o QI-MCS baseia-se em um grande conjunto de experiências de coleta de dados sobre capital social, que abrangem mais de 15 países. Entretanto, está claro que o QI-MCS não deve ser visto como a palavra final em como se devem coletar dados sobre capital social, uma vez que ainda é um trabalho em desenvolvimento. O capital social ainda é um tópico relativamente novo nas ciências sociais e nosso entendimento conceitual e teórico continua a se desenvolver. Paralelamente a isso, nossa habilidade em medir capital social também continua a crescer. A cada vez que o QI-MCS (ou qualquer outra ferramenta para medir capital social) é aplicado em campo, aprendemos novas lições que podem aperfeiçoar a ferramenta. É importante que essas lições sejam compartilhadas entre pesquisadores e praticantes.

O Grupo Temático sobre Capital Social no Banco Mundial tem como compromisso fornecer as melhores e mais modernas ferramentas para a medida e análise de capital social. Esperamos, assim, que as equipes empenhadas em aplicar o QI-MCS compartilhem suas experiências com os membros do grupo temático, para que continuemos a aperfeiçoar o QI-MCS. Para que isso seja possível, os contatos estão listados a seguir. Desde já, agradecemos a todos por utilizarem o QI-MCS e por seu retorno.

Deepa Narayan
Poverty Reduction and Economic Management Network
The World Bank, 1818 H Street NW
Washington DC 20433, USA
Tel: 202 473 1304, Fax: 202 522 3283
Email: dnarayan@worldbank.org

Veronica Nyhan Jones
Community Empowerment & Social Inclusion, WBI
Poverty Group, PREM
Mailstop J4-400
The World Bank, 1818 H Street NW
Washington, DC 20433 USA
Tel: 202 473-7940 Fax: 202 676-0978
Email: vnyhan@worldbank.org

Michael Woolcock
Development Research Group
Mailstop MC3-306
The World Bank, 1818 H Street NW
Washington, DC 20433 USA
Tel: 202 473-9258 Fax: 202 522-1153
Email: mwoolcock@worldbank.org

Para mais informações sobre social capital, consulte nosso site:
www.worldbank.org/poverty/scapital

10. Annex A: Pilot Tests in Albania and Nigeria¹⁵

No verão de 2002, testes piloto do QI-MCS foram realizados na Albânia e na Nigéria. A Albânia foi escolhida porque havia poucos casos, entre os principais estudos conduzidos na Europa Oriental ou na Ásia Central, que acoplaram o QI-MCS. A Nigéria permitiu testar diferentes contextos no interior de um país extremamente complexo. Em ambos os países, equipes qualificadas de pesquisa puderam ser rapidamente recrutadas.

Na Albânia, um pesquisador líder foi contatado e por meio dele reuniu-se uma equipe de pesquisadores juniores e entrevistadores, que foram treinados para conduzir o piloto. Na Nigéria, devido à enorme extensão territorial do país e a necessidade de se fazer o teste em pelo menos três idiomas diferentes, três pesquisadores líderes foram identificados (um para cada região) e cada um tinha uma equipe familiarizada com as línguas locais trabalhando com eles. O mais importante é que todos os pesquisadores e entrevistadores tinham interesse e experiência nas dimensões sociais do desenvolvimento. Se este módulo estiver sendo incorporado a um *survey* domiciliar mais amplo, algum treinamento adicional e a sensibilização dos entrevistadores podem ser necessários. Entrevistadores não-especializados podem precisar de ajuda para compreender e, conseqüentemente, explicar, em campo, conceitos tais como confiança e autoridade ou capacitação (empowerment).

As equipes de cada país receberam treinamento antes da condução do teste piloto. Na Albânia, durante dois dias, houve um *workshop* diretamente com toda a equipe de pesquisa e de campo. Devido às restrições orçamentárias e aos custos associados às viagens pelas regiões, os pesquisadores-chefe na Nigéria foram treinados, em Abuja, por meio de vídeo-conferência durante um evento com um dia de duração. Esses pesquisadores tiveram, então, que treinar individualmente seus entrevistadores locais. O treinamento consistiu na revisão de todo o *survey*, questão por questão, fornecendo quaisquer clarificações necessárias quando à intenção, ou espírito das questões, permitindo-se que os participantes tivessem tempo para discutir as maneiras mais precisas e consistentes de expressar essas idéias nas línguas locais. O treinamento também cobriu a logística da administração do questionário: quem conduziria o *survey*, onde, com quem, como seriam selecionadas as regiões e os domicílios a serem incluídos no *survey*; qual o seria formato do relatório final etc. Para conduzir os testes piloto de maneira eficaz e responsável, questões tais como conquistar a confiança e estabelecer um bom entendimento entre entrevistador e entrevistado, transparência, gerenciamento de expectativas e documentação foram intensamente discutidas.

Na Albânia, o questionário havia sido traduzido e copiado para os participantes antes do *workshop*, o que facilitou muito o processo. O *workshop* de treinamento revelou várias adaptações necessárias ao questionário protótipo. Várias categorias de resposta específicas para o contexto da Albânia foram acrescentadas a certas questões (como por

¹⁵ We are grateful to the local teams who made these field tests possible, including, in Nigeria, Foluso Okinmadewa, Justice Onu, Ibrahim Bayaso, Christopher Raymond, Agatha Tumba, Vivian Taru, Michael Omokoro, Noble J. Nweze, M. A. Adelabu, and in Albania, Ilir Gedeshi, as well as to the enumerators and families who gave their time to participate.

exemplo, a ‘Fis’, uma forma particular de rede familiar, substituiu ‘Burial Societies’ na questão 1.1).

Na Nigéria, onde não havia financiamento o suficiente para traduzir o *survey* nos três idiomas (Ibo, Iorubá e Hausa) com antecedência, concordou-se que os entrevistadores fariam a tradução no momento das entrevistas. Para que houvesse consistência nas diversas regiões do país, os pesquisadores-chefe discutiram exaustivamente como certos termos deveriam ser traduzidos entre os estados, para que o *survey* fosse o mais consistente possível.

Nas três diferentes regiões da Albânia, 257 *surveys* foram completados em 16 aldeias. As famílias em cada aldeia foram escolhidas ao acaso, por meio de listas fornecidas pela comuna (governo local). Em alguns casos essas listas não estavam disponíveis e os domicílios foram escolhidos pelos entrevistadores buscando a máxima aleatoriedade e diversidade possível. Em cada um dos três estados da Nigéria (Adamawa, Enugu e Osun), cinco cidades foram propositalmente escolhidas, entre três distritos senatoriais. Em cada cidade, 20 domicílios foram entrevistados, constituindo uma amostra total de 300 domicílios. A equipe passou entre dois e três dias em cada uma das cidades. Em cada localidade, a maior parte do primeiro dia foi dedicada ao processo de mapeamento social, listagem e identificação dos domicílios que seriam incluídos no *survey*.

Principais descobertas

Seleção dos domicílios. Tempo e energia suficientes devem ser empregados para desenvolver e concordar a respeito dos métodos para se identificar os domicílios em uma determinada comunidade e para decidir quem, do local, deverá prestar assistência quanto a isso.

Idioma. As equipes em ambos os países depararam-se com várias dificuldades de tradução. Por exemplo, a equipe nigeriana teve dificuldade para traduzir os termos ‘dar-se bem (get along)’, ‘sentimento de comunhão (togetherness)’ e ‘justo (fairness)’. Além disso, a questão sobre confiança, que oferece as alternativas ‘pode-se confiar na maioria das pessoas’ contra ‘nunca é demais ter cuidado’ foi difícil de traduzir.

Tempo. As equipes nigerianas precisavam, em média, de duas horas para conduzir cada entrevista, em parte devido ao desafio de se traduzir na hora. Na Albânia, o tempo médio da entrevista variou entre 30 e 60 minutos. Variações adicionais de tempo entre os países foram devidas à variação da participação dos entrevistados em organizações: os domicílios nigerianos participavam de muito mais organizações do que os domicílios albaneses, tornando o processo de entrevista mais complexo.

Adapting specific questions to the local context and sensitivities. This issue came up repeatedly during the training sessions. In some cases, a change was uniformly adopted, e.g. relating to all questions that ask about changes/differences since five years ago. In the Nigerian context, all agreed that it would be more effective to ask about the difference

pre- and post-democracy (1999). Similarly in Albania, they preferred to mark time according to pre- and post-refugee influx from Kosovo.

Adaptando questões específicas ao contexto local e sensibilidade. Essa questão apareceu repetidamente durante as sessões de treinamento. Em alguns casos, uma modificação foi adotada uniformemente, como por exemplo, em relação às questões que se referem a mudanças/diferenças nos últimos cinco anos. No contexto nigeriano, todos concordaram que seria mais eficaz perguntar a respeito da diferença entre o período pré e pós-democrático (1999). De modo semelhante, na Albânia, preferiram marcar o tempo de acordo com o período prévio ou posterior ao fluxo de refugiados de Kosovo.

A questão 1.12 [Os membros do seu grupo, em sua maioria, têm o mesmo ponto de vista político ou pertencem ao mesmo partido político?] provou ser muito sensível e gerou suspeita e dúvidas a respeito do *survey*. Alguns encararam as questões 6.5 [No ano passado, com que frequência as pessoas deste(a) bairro/localidade se reuniram para entregar conjuntamente petições a membros do governo ou a líderes políticos solicitando algo que beneficiasse a comunidade?] e 6.6 [Alguma dessas petições teve sucesso?] como provocadoras e isso levou a dúvidas quanto às alegações de que os entrevistadores não eram do governo. Entretanto, outros entrevistados acharam essas questões (e outras sobre ação política) esclarecedoras, uma vez que não tinham conhecimento de que os cidadãos poderiam tomar parte nesse tipo de atividades. Na Nigéria, a questão 6.3 a respeito de mudar o curso de vida das pessoas foi encarada com desagrado, uma vez que alguns entrevistados acreditam que apenas Deus tem o poder para isso.

Conceitos desafiadores. As questões relativas à autoridade ou capacitação (empowerment) e controle sobre a vida de uma pessoa não foram facilmente comunicadas ou entendidas.

Reações e respostas imprevistas. Devido ao fato de que um *survey* utiliza questões fechadas, pode ser difícil prever todas as respostas e interpretações em cada contexto local. O teste piloto ajudou a revelar algumas destas reações e respostas. Na Nigéria, por exemplo, a questão 1.18 [Esse grupo trabalha ou interage com outros grupos com objetivos similares no(a) bairro/localidade?] foi entendida por alguns entrevistados como uma perda do foco por parte do líder do grupo ao invés de um poder (nos termos do capital social de conexão) que era a intenção dos elaboradores do *survey*.

Conclusões

A adaptação local, embora implique recursos intensivos, é essencial. Um teste piloto bem feito reduzirá significativamente os problemas que ocorrem no campo, poupando tempo e dinheiro e melhorando a precisão no futuro. Mas o teste piloto será tão bom quanto o treinamento oferecido pelos pesquisadores locais. Desse modo, é fundamental que pesquisadores/entrevistadores compreendam perfeitamente os conceitos incluídos no *survey* a fim de bem explicá-los aos entrevistados. Uma tradução uniforme antecipada facilitará esse processo.

11. Referências bibliográficas

- Burt, Ronald (2000) "The Network Structure of Social Capital", in Robert Sutton and Barry Staw (eds.) *Research in Organizational Behavior* Greenwich, CT: JAI Press, pp. 345-423.
- Coleman, James. 1988. "Social Capital in the Creation of Human Capital." *American Journal of Sociology* 94 (Supplement): S95-S120.
- Collier, Paul. 2002. "Social Capital and Poverty: A Microeconomic Perspective" in Christiaan Grootaert and Thierry van Bastelaer (eds.) *The Role of Social Capital in Development: An Empirical Assessment* New York: Cambridge University Press, pp. 19-41.
- Durlauf, Stephen. 2002. "On the Empirics of Social Capital." *Economic Journal* 112 (483): 459-479.
- Fafchamps, Marcel, and Bart Minten. 2002. "Social Capital and the Firm: Evidence from Agricultural Traders in Madagascar." in Christiaan Grootaert and Thierry van Bastelaer (eds.) *The Role of Social Capital in Development: An Empirical Assessment* New York: Cambridge University Press, pp. 125-54.
- Fukuyama, Francis. 1995. *Trust: The Social Virtues and the Creation of Prosperity* New York: Free Press.
- Gittell, Ross and Avis Vidal. 1998. *Community Organizing: Building Social Capital as a Development Strategy* Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Glaeser, Edward, David Laibson and Bruce Sacerdote. 2002. "An Economic Approach to Social Capital" *Economic Journal* 112 (483): 437-458.
- Grootaert, Christiaan. 1999. "Social Capital, Household Welfare, and Poverty in Indonesia." Policy Research Working Paper 2148. Washington D.C.: World Bank.
- Grootaert, Christiaan. 2001. "Does Social Capital Help the Poor? A Synthesis of Findings from the Local Level Institutions Studies in Bolivia, Burkina Faso, and Indonesia." Local Level Institutions Working Paper 10. World Bank, Social Development Department, Washington D.C.
- Grootaert, Christiaan, and Deepa Narayan. 2000. "Local Institutions, Poverty, and Household Welfare in Bolivia." Local Level Institutions Working Paper 9. World Bank, Social Development Department, Washington D.C.
- Grootaert, Christiaan, Gi-Taik Oh, and Anand Swami. 2002. "Social Capital, Education and Credit Markets: Empirical Evidence from Burkina Faso." in Jonathan Isham, Thomas

Kelly, and Sunder Ramaswamy (eds.) *Social Capital and Economic Development: Well-being in Developing Countries* Cheltenham, UK: Edward Elgar, pp. 85-103.

Grootaert, Christiaan, and Thierry van Bastelaer (eds.) 2002a. *The Role of Social Capital in Development: An Empirical Assessment* New York: Cambridge University Press.

Grootaert, Christiaan, and Thierry van Bastelaer (eds.) 2002b. *Understanding and Measuring Social Capital: A Multidisciplinary Tool for Practitioners*. Washington D.C.: World Bank.

Grosh, Margaret, and Paul Glewwe (eds.) 2000. *Designing Household Survey Questionnaires for Developing Countries: Lessons from 15 years of the Living Standards Measurement Study*. Washington D.C.: World Bank.

Ibáñez, Ana Maria, Kathy Lindert and Michael Woolcock. 2002. “Social Capital in Guatemala: A Mixed Methods Analysis”. Technical Background Paper No. 12, prepared for the *Guatemala Poverty Assessment* Washington, D.C.: The World Bank

Isham, Jonathan, and Satu Kahkonen. 2002. “How Do Participation and Social Capital Affect Community-Based Water Projects? Evidence from Central Java, Indonesia” in Christiaan Grootaert and Thierry van Bastelaer (eds.) *The Role of Social Capital in Development: An Empirical Assessment* New York: Cambridge University Press, pp. 155-187.

Isham, Jonathan, Thomas Kelly, and Sunder Ramaswamy. 2002. “Social capital and well-being in developing countries: an introduction” in Jonathan Isham, Thomas Kelly, and Sunder Ramaswamy (eds.) *Social Capital and Economic Development: Well-Being in Developing Countries* Northampton, MA: Edward Elgar, pp. 3-17.

Jha, Saumitra, Vijayendra Rao and Michael Woolcock. 2002. “Governance in the Gullies: Political Networks and Leadership Among Delhi’s Urban Poor” Washington, DC: World Bank. Paper presented at Economists Forum.

Krishna, Anirudh. 2002. *Active Social Capital: Tracing the Roots of Development and Democracy* New York: Columbia University Press.

Krishna, Anirudh, and Norman Uphoff. 2002. “Mapping and Measuring Social Capital Through Assessment of Collective Action for Conserve and Develop Watersheds in Rajasthan, India” in Christiaan Grootaert and Thierry van Bastelaer (eds.) *The Role of Social Capital in Development: An Empirical Assessment* New York: Cambridge University Press, pp. 85-124.

Narayan, Deepa. 2000. *Voices of the Poor: Can Anyone Hear Us?* New York: Oxford University Press.

Narayan, Deepa. 2002. "Bonds and Bridges: Social Capital and Poverty", in Jonathan Isham, Thomas Kelly, and Sunder Ramaswamy (eds.) *Social Capital and Economic Development: Well-Being in Developing Countries* Northampton, MA: Edward Elgar, pp. 58-81.

Narayan, Deepa, and Michael Cassidy. 2001. "A Dimensional Approach to Measuring Social Capital: Development and Validation of Social Capital Inventory." *Current Sociology* 49 (2): 49-93.

Narayan, Deepa, and Lant Pritchett. 1999. "Cents and Sociability: Household Income and Social Capital in Rural Tanzania." *Economic Development and Cultural Change* 47(4): 871-97.

Portes, Alejandro. 1998. "Social Capital: Its Origins and Applications in Contemporary Sociology." *Annual Review of Sociology* 24: 1-24.

Pritchett, Lant and Michael Woolcock. "Solutions when the Solution is the Problem: Arraying the Disarray in Development." *World Development* (forthcoming)

Putnam, Robert. 2000. *Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community* New York: Simon and Schuster.

Rao, Vijayendra and Michael Woolcock. 2003. "Integrating Qualitative and Quantitative Approaches in Program Evaluation." in Francois J. Bourguignon and Luiz Pereira da Silva (eds.) *Evaluating the Poverty and Distributional Impact of Economic Policies* Washington, DC: The World Bank.

Woolcock, Michael. 1998. "Social Capital and Economic Development: Toward a Theoretical Synthesis and Policy Framework." *Theory and Society* 27(2): 151-208.

Woolcock, Michael. 1999. "Managing Risk, Shocks, and Opportunity in Developing Economies: The Role of Social Capital", in Gustav Ranis (ed.) *Dimensions of Development* New Haven, CT: Yale Center for International and Area Studies, pp. 197-212.

Woolcock, Michael, and Deepa Narayan. 2000. "Social Capital: Implications for Development Theory, Research, and Policy." *World Bank Research Observer* 15 (2): 225-50.

World Bank. 2000. *World Development Report 2000/2001: Attacking Poverty* New York: Oxford University Press.

World Bank. 2002. *Empowerment and Poverty Reduction - A Sourcebook* Washington D.C.: World Bank.

World Bank. 2003. *Guatemala Poverty Assessment* Washington D.C.: World Bank.

PARTE II : QUESTIONÁRIO

1. Grupos e Redes

- 1.1 Eu gostaria de começar perguntando a você sobre os grupos ou organizações, redes, associações a que você, ou qualquer outro membro do seu domicílio, pertencem. Esses grupos podem ser formalmente organizados ou apenas grupos de pessoas que se reúnem regularmente, para praticar alguma atividade, ou apenas conversar. Conforme eu for lendo a seguinte lista de grupos, por favor, diga-me se alguém neste domicílio pertence a um grupo desses. Se pertencer, diga-me qual membro deste domicílio é mais ativo nesse grupo, e se ele/ela participa ativamente nas decisões do grupo.

[NOTA: SE UM QUESTIONÁRIO ESPECÍFICO PARA A LOCALIDADE TIVER SIDO COMPLETADO ANTES DO QUESTIONÁRIO DOMICILIAR, O ENTREVISTADOR PODE UTILIZAR A LISTA DOS GRUPOS LOCAIS PARA FAZER A SONDAÇÃO]

Tipo de organização ou grupo	Nome da organização ou grupo	Código do membro mais ativo do domicílio [ENTREVISTADOR: UTILIZE OS NÚMEROS DA LISTA DO DOMICÍLIO]	Como você descreveria a participação desta pessoa nas decisões do grupo? 1 = Líder 2 = Muito ativo 3 = Relativamente ativo 4 = Não participa das decisões
A. Grupo ou cooperativa agrícola/ de pescadores			
B. Grupos de outros tipos de produção			
C. Associação de comerciantes ou de negócios			

D. Associação profissional (de médicos, professores, veteranos)			
E. Sindicato dos comerciantes ou dos trabalhadores			
F. Comitê do(a) bairro/localidade			
G. Grupo religioso ou espiritual (ex. igreja, mesquita, templo, grupo religioso informal, grupo de estudo religioso)			
H. Grupo ou movimento político			
I. Grupo ou associação cultural (ex. arte, música, teatro, cinema)			
J. Sociedade organizadora de festivais (festival society)			
K. Grupo financeiro, de crédito ou de poupança			

L. Grupo educacional (ex. Associação de pais e professores, comitê escolar)			
M. Grupo de saúde			
N. Grupo de gerenciamento de água e resíduos			
O. Grupo esportivo			
P. Grupo de jovens			
Q. ONG ou grupo cívico (ex. Rotary Club, Cruz Vermelha)			
R. Grupo baseado na comunidade étnica			
S. Outros grupos			

1.2 Em comparação há cinco anos atrás*, os membros do seu domicílio participam de mais ou menos grupos ou organizações?

[* ENTREVISTADOR: O PERÍODO DE TEMPO PODE SER ESCLARECIDO SITUANDO-O EM RELAÇÃO À ANTES/DEPOIS DE ALGUM EVENTO IMPORTANTE]

- 1 Mais
- 2 Mesmo número
- 3 Menos

1.3 De todos os grupos de que os membros do seu domicílio fazem parte, quais são os dois mais importantes para o seu domicílio?

[ENTREVISTADOR: ANOTE OS NOMES DOS GRUPOS]

Grupo 1 _____

Grupo 2 _____

1.4 Quantas vezes, nos últimos 12 meses, alguém deste domicílio participou das atividades desses grupos, por exemplo, participando de reuniões ou realizando algum trabalho de grupo?

Grupo 1

Grupo 2

1.5 Como uma pessoa passa a ser um membro deste grupo?

- 1 Já nasce pertencendo ao grupo
- 2 Sua participação é solicitada
- 3 É convidada
- 4 Por escolha voluntária
- 5 Outros (especifique) _____

Grupo 1

Grupo 2

1.6 Com quanto dinheiro ou bens o seu domicílio contribuiu para com este grupo nos últimos 12 meses?

Grupo 1

Grupo 2

1.7 Quantos dias de trabalho o seu domicílio dedicou a esse grupo nos últimos 12 meses?

Grupo 1

Grupo 2

1.8 Qual é o maior benefício de se fazer parte deste grupo?

- 1 Melhora a renda atual do meu domicílio ou o acesso a serviços
- 2 É importante em situações de emergência/no futuro
- 3 Beneficia a comunidade
- 4 Prazer/Diversão
- 5 Espiritual, posição social, auto-estima
- 6 Outros (especifique) _____

Grupo 1

Grupo 2

1.9 O grupo ajuda o seu domicílio a ter acesso a algum dos seguintes serviços?

- 1 Sim
- 2 Não

	Grupo 1	Grupo 2
A. Educação ou treinamento		
B. Serviços de saúde		
C. Abastecimento de água ou saneamento		
D. Crédito ou poupança		
E. Insumos agrícolas ou tecnologia		
F. Irrigação		
G. Outros (especifique)		

1.10 Pensando nos membros deste grupo, a maioria deles é do(a) mesmo(a)...

- 1 Sim
- 2 Não

	Grupo 1	Grupo 2
A. Bairro/localidade		
B. Família ou grupo de parentesco		
C. Religião		
D. Sexo		
E. Idade		
F. Grupo étnico ou lingüístico/ raça/ casta/ tribo		

1.11 Os membros do grupo têm, em sua maioria, a mesma...

- 1 Sim
- 2 Não

	Grupo 1	Grupo 2
A. Ocupação		
B. Formação educacional ou grau de escolaridade		

1.12 Os membros do grupo têm, em sua maioria, o mesmo ponto de vista político ou pertencem ao mesmo partido político?

- 1 Sim
- 2 Não

Grupo 1 Grupo 2

1.13 Alguns membros são mais ricos ou mais pobres do que os outros, ou todos têm mais ou menos o mesmo nível de renda?

- 1 Mais ou menos o mesmo nível de renda
- 2 Mistura ricos e pobres

Grupo 1 Grupo 2

1.14 Nos últimos cinco anos*, o tamanho do grupo diminuiu, permaneceu o mesmo ou aumentou?

[* ENTREVISTADOR: O PERÍODO DE TEMPO PODE SER ESCLARECIDO SITUANDO-O EM RELAÇÃO À ANTES/DEPOIS DE ALGUM EVENTO IMPORTANTE]

- 1 Diminuiu
- 2 Permaneceu o mesmo
- 3 Aumentou

Grupo 1 Grupo 2

1.15 Quando há uma decisão a ser tomada no grupo, geralmente, como isso acontece?

- 1 A decisão é imposta de fora
- 2 O líder decide e informa os outros membros do grupo
- 3 O líder pergunta aos outros membros do grupo o que eles acham e então decide
- 4 Os membros do grupo discutem o assunto e decidem em conjunto
- 5 Outros (especifique _____)

Grupo 1 Grupo 2

1.16 Como são escolhidos os líderes nesse grupo?

- 1 Por uma pessoa ou entidade de fora
- 2 Cada líder escolhe o(a) seu/sua sucessor(a)
- 3 Por decisão de alguns membros
- 4 Por decisão/voto de todos os membros
- 5 Outros (especifique _____)

Grupo 1 Grupo 2

1.17 De modo geral, você diria que a liderança do grupo é...

- 1 Muito efetiva
- 2 Relativamente efetiva
- 3 Não é efetiva

Grupo 1 Grupo 2

1.18 Esse grupo trabalha ou interage com outros grupos, com objetivos semelhantes, dentro do(a) bairro/localidade?

- 1 Não
- 2 Sim, ocasionalmente
- 3 Sim, freqüentemente

Grupo 1 Grupo 2

1.19 Esse grupo trabalha ou interage com outros grupos, com objetivos semelhantes, fora do(a) bairro/localidade?

- 1 Não
- 2 Sim, ocasionalmente
- 3 Sim, freqüentemente

Grupo 1

Grupo 2

1.20 Esse grupo trabalha ou interage com outros grupos, com objetivos diferentes, dentro do(a) bairro/localidade?

- 1 Não
- 2 Sim, ocasionalmente
- 3 Sim, freqüentemente

Grupo 1

Grupo 2

1.21 Esse grupo trabalha ou interage com outros grupos, com objetivos diferentes, fora do(a) bairro/localidade?

- 1 Não
- 2 Sim, ocasionalmente
- 3 Sim, freqüentemente

Grupo 1

Grupo 2

1.22 Qual é a fonte de financiamento mais importante desse grupo?

- 1 Os próprios membros financiam
- 2 Outras fontes dentro da comunidade
- 3 Fontes de fora da comunidade

Grupo 1

Grupo 2

1.23 A(s) pessoa(s) mais importante(s) que aconselha(m) ou orientam o grupo...

- 1 Pertence(m) ao grupo
- 2 É(são) de fora do grupo mas pertence(m) à comunidade
- 3 É(são) de fora do grupo e não pertence(m) à comunidade

Grupo 1

Grupo 2

1.24 Quem originalmente fundou o grupo?

- 1 O governo central
- 2 O governo local
- 3 Um líder local
- 4 Membros da comunidade

Grupo 1

Grupo 2

Redes

1.25 Quantos amigos próximos você diria que tem hoje? Essas pessoas são aquelas com quem se sente à vontade, para conversar a respeito de assuntos particulares, ou chamar quando precisa de ajuda.

1.26 Se de repente você precisasse de uma pequena quantia em dinheiro [RURAL: o suficiente para pagar as despesas do seu domicílio durante uma semana; URBANO: o que você ganharia, digamos, em uma semana de trabalho], quantas pessoas, de fora do seu domicílio, estariam dispostas a lhe fornecer este dinheiro, se você pedisse a elas?

- 1 Ninguém
- 2 Uma ou duas pessoas
- 3 Três ou quatro pessoas
- 4 Cinco ou mais pessoas

1.27 [SE A RESPOSTA NÃO FOR NINGUÉM] Dessas pessoas, quantas você diria que atualmente têm condições de lhe fornecer esse dinheiro?

1.28 [SE A RESPOSTA NÃO FOR NINGUÉM] Essa(s) pessoa(s) tem uma posição social igual/mais alta/mais baixa do que você?

- 1 Igual
- 2 Mais alta
- 3 Mais baixa

1.29 Se de repente você precisasse viajar por um ou dois dias, você poderia contar com seus vizinhos para tomarem conta das suas crianças?

- 1 Definitivamente sim
- 2 Provavelmente
- 3 Provavelmente não
- 4 Definitivamente não

1.30 Se de repente você se deparasse com uma situação de emergência mais grave, tal como a morte de um dos membros do seu domicílio que contribuem para o sustento da casa, ou [RURAL: perda da colheita; URBANO: perda do emprego] quantas pessoas, de fora do seu domicílio, estariam dispostas a lhe ajudar?

- 1 Ninguém
- 2 Uma ou duas pessoas
- 3 Três ou quatro pessoas
- 4 Cinco ou mais pessoas

1.31 [SE A RESPOSTA NÃO FOR NINGUÉM] Dessas pessoas, quantas você diria que atualmente têm condições de lhe ajudar?

1.32 Nos últimos 12 meses, quantas pessoas com um problema pessoal lhe pediram ajuda?

1.33 [SE A RESPOSTA NÃO FOR NINGUÉM] Essa(s) pessoa(s) tem uma posição social igual/mais alta/mais baixa do que você?

- 1 Igual
- 2 Mais alta
- 3 Mais baixa

2. Confiança e Solidariedade

Em toda comunidade, algumas pessoas se dão bem e confiam umas nas outras, enquanto outras pessoas não. Agora, eu gostaria de falar a respeito da confiança e da solidariedade na sua comunidade.

2.1 Falando em geral, você diria que se pode confiar na maioria das pessoas, ou que nunca é demais ter cuidado nas suas relações com outras pessoas?

1 Pode-se confiar na maioria das pessoas

2 Nunca é demais ter cuidado

2.2 Em geral, você concorda ou discorda das seguintes afirmações?

	1. Concordo totalmente 2. Concordo em parte 3. Não concordo nem discordo 4. Discordo em parte 5. Discordo totalmente
A. Pode-se confiar na maioria das pessoas que moram neste(a) bairro/localidade.	
B. Neste(a) bairro/localidade, é preciso estar atento ou alguém pode tirar vantagem de você.	
C. A maioria das pessoas neste(a) bairro/localidade estão dispostas a ajudar caso você precise.	
D. Neste(a) bairro/localidade, as pessoas geralmente não confiam umas nas outras quanto a emprestar e tomar dinheiro emprestado.	

2.3 Agora eu quero perguntar a você o quanto você confia em diferentes tipos de pessoas. Numa escala de 1 a 5, onde 1 quer dizer “confio muito pouco” e 5 quer dizer “confio totalmente”, quanto você confia nas pessoas em cada categoria?

	1. Confio muito pouco 2. Confio pouco 3. Nem pouco, nem muito 4. Confio muito 5. Confio totalmente
A. Pessoas do seu grupo étnico ou lingüístico/raça/casta/tribo	
B. Pessoas de outros grupos étnicos ou lingüísticos/raça/casta/tribo	
C. Comerciantes	
D. Membros do governo local	
E. Membros do governo central	
F. Polícia	
G. Professores	
H. Médicos e enfermeiras	
I. Estranhos	

2.4 Você acha que nos últimos cinco anos*, o grau de confiança neste(a) bairro/localidade melhorou, piorou ou permaneceu mais ou menos o mesmo?

[* ENTREVISTADOR: O PERÍODO DE TEMPO PODE SER ESCLARECIDO SITUANDO-O EM RELAÇÃO À ANTES/DEPOIS DE ALGUM EVENTO IMPORTANTE]

- 1 Melhorou
- 2 Piorou
- 3 Permaneceu mais ou menos o mesmo

2.5 Hoje em dia, com que frequência você diria que as pessoas neste(a) bairro/localidade ajudam umas às outras? Utilize uma escala de 5 pontos, onde 1 quer dizer “sempre ajudam” e 5 “nunca ajudam”.

- 1 Sempre ajudam
- 2 Quase sempre ajudam
- 3 Algumas vezes ajudam
- 4 Raramente ajudam
- 5 Nunca ajudam

2.6 Se um projeto da comunidade não lhe beneficia diretamente, mas tem benefícios para muitas outras pessoas do(a) bairro/localidade, você contribuiria com seu tempo ou dinheiro para o projeto?

A. Tempo

B. Dinheiro

- 1 Não contribuiria com tempo
- 2 Contribuiria com tempo

- 1 Não contribuiria com dinheiro
- 2 Contribuiria com dinheiro

3. Ação Coletiva e Cooperação

3.1 Nos últimos 12 meses, você trabalhou com outros membros no(a) seu(sua) bairro/localidade para fazer alguma coisa em benefício da comunidade?

1 Sim

2 Não → vá para a questão 3.4

3.2 Quais foram as três principais atividades nos últimos 12 meses? A participação nessas atividades foi voluntária ou solicitada?

	Voluntária	Solicitada

3.3 No total, quantos dias nos últimos 12 meses você, ou alguém do seu domicílio, participou em atividades comunitárias?

3.4 Qual é a probabilidade de uma pessoa que não participe em atividades comunitárias seja criticada ou punida?

1 Muito provável

2 Relativamente provável

3 Nem provável nem improvável

4 Relativamente improvável

5 Muito improvável

3.5 Quantas pessoas neste(a) bairro/localidade contribuem com tempo ou dinheiro para objetivos de desenvolvimento comuns, tais como (RURAL: uma vaquinha ou um mutirão; URBANO: um mutirão ou a manutenção de um centro comunitário)?

- 1 Todas
- 2 Mais da metade
- 3 Cerca de metade
- 4 Menos da metade
- 5 Ninguém

3.6 Se houvesse um problema de abastecimento de água nessa comunidade, qual a probabilidade das pessoas cooperarem para tentar resolver o problema?

- 1 Muito provável
- 2 Relativamente provável
- 3 Nem provável nem improvável
- 4 Relativamente improvável
- 5 Muito improvável

3.7 Suponha que ocorresse uma fatalidade com uma das pessoas em seu(sua) bairro/localidade, tal como uma doença grave, ou a morte de um parente. Qual a probabilidade de algumas pessoas na comunidade se unirem para ajudar as vítimas?

- 1 Muito provável
- 2 Relativamente provável
- 3 Nem provável nem improvável
- 4 Relativamente improvável
- 5 Muito improvável

4. Informação e Comunicação

4.1 Quanto tempo você leva para chegar à agência dos correios mais próxima?

- 1 Menos de 15 minutos
- 2 15 a 30 minutos
- 3 31 a 60 minutos
- 4 Mais de uma hora

4.2 Quantas vezes no último mês você leu um jornal, ou alguém em seu domicílio leu um para você?

4.3 Com que frequência você ouve o rádio?

- 1 Todos os dias
- 2 Algumas vezes por semana
- 3 Uma vez por semana
- 4 Menos de uma vez por semana
- 5 Nunca

4.4 Com que frequência você assiste televisão?

- 1 Todos os dias
- 2 Algumas vezes por semana
- 3 Uma vez por semana
- 4 Menos de uma vez por semana
- 5 Nunca

4.5 Quanto tempo você leva para chegar ao telefone (que esteja funcionando) mais próximo?

- 1 Tenho telefone em casa
- 2 Menos de 15 minutos
- 3 15 a 30 minutos
- 4 31 a 60 minutos
- 5 Mais de uma hora

4.6 No último mês, quantas vezes você fez ou recebeu um telefonema?

--

4.7 Quais são as três fontes de informação mais importantes a respeito do que o governo está fazendo (tais como mutirão agrícola, frente de trabalho, planejamento familiar etc.)?

- 1 Parentes, amigos e vizinhos
- 2 Boletins da comunidade
- 3 Mercado local
- 4 Jornal local ou da comunidade
- 5 Jornal nacional
- 6 Rádio
- 7 Televisão
- 8 Grupos ou associações
- 9 Colegas de trabalho ou sócios
- 10 Associados políticos
- 11 Líderes comunitários
- 12 Um agente do governo
- 13 ONGs
- 14 Internet

--	--	--

4.8 Quais são as três fontes de informação mais importantes sobre o mercado (tais como empregos, preços de produtos e safras)?

- 1 Parentes, amigos e vizinhos
- 2 Boletins da comunidade
- 3 Mercado local
- 4 Jornal local ou da comunidade
- 5 Jornal nacional
- 6 Rádio
- 7 Televisão
- 8 Grupos ou associações
- 9 Colegas de trabalho ou sócios
- 10 Associados políticos
- 11 Líderes da comunidade
- 12 Um agente do governo
- 13 ONGs
- 14 Internet

--	--	--

4.9 Em geral, em comparação há cinco anos atrás*, o acesso à informação melhorou, piorou ou permaneceu mais ou menos o mesmo?

[* ENTREVISTADOR: O PERÍODO DE TEMPO PODE SER ESCLARECIDO SITUANDO-O EM RELAÇÃO À ANTES/DEPOIS DE ALGUM EVENTO IMPORTANTE]

- 1 Melhorou
 - 2 Piorou
 - 3 Permaneceu mais ou menos o mesmo
-

4.10 Em que parte do ano a sua casa é acessível pela estrada?

- 1 Durante o ano todo
 - 2 Apenas durante algumas estações
 - 3 Nunca é facilmente acessível
-

4.11 Quantas vezes você foi até [RURAL: um povoado vizinho ou cidade; URBANO: outra parte da cidade] nos últimos 12 meses?

5. Coesão e Inclusão Social

5.1 Como você descreveria o grau de comunhão ou proximidade em seu(sua) bairro/localidade? Utilize uma escala de 5 pontos, em que 1 quer dizer “muito distante” e 5 “muito próximo”.

- 1 Muito distante
- 2 Relativamente distante
- 3 Nem distante nem próximo
- 4 Relativamente próximo
- 5 Muito próximo

5.2 Muitas vezes há diferenças nas características entre as pessoas que vivem num(a) mesmo(a) bairro/localidade. Por exemplo, diferenças de riqueza, renda, posição social, origem étnica, raça, casta ou tribo. Também pode haver diferenças em relação às crenças religiosas e políticas, ou pode haver diferenças devido à idade ou o sexo. Até que ponto você diria que as pessoas são diferentes no(a) seu(sua) bairro/localidade? Utilize uma escala de 5 pontos, em que 1 quer dizer “extremamente diferentes” e 5 quer dizer “muito pouca diferença”.

- 1 Extremamente diferentes
- 2 Muito diferentes
- 3 Relativamente diferentes
- 4 Pouco diferentes
- 5 Muito pouco diferentes

5.3 Alguma dessas diferenças causa problemas?

- 1 Sim
- 2 Não → vá para a questão 5.6

5.4 Quais são as duas diferenças que mais frequentemente causam problemas?

- 1 Diferenças de educação
- 2 Diferenças de posse de terras
- 3 Diferenças de riqueza/posses materiais
- 4 Diferenças de posição social
- 5 Diferenças entre homens e mulheres
- 6 Diferenças entre gerações mais jovens e gerações mais velhas
- 7 Diferenças entre moradores antigos e novos moradores
- 8 Diferenças de filiação política
- 9 Diferenças de crenças religiosas
- 10 Diferenças de origem étnica, raça, casta/tribo
- 11 Outras diferenças

--	--

5.5 Alguma vez esses problemas levaram à violência?

- 1 Sim
- 2 Não

--

5.6 Há grupos de pessoas no(a) bairro/localidade que não conseguem ter acesso a alguns dos seguintes serviços?

	1 Sim → 2 Não	Quantos são excluídos? 1 Somente algumas pessoas 2 Muitas pessoas, mas menos da metade do(a) bairro/localidade 3 Mais de metade do(a) bairro/localidade
A. Educação/escolas		
B. Serviços de saúde/clínicas		
C. Água		
D. Justiça		
E. Transporte		

5.7 Há alguma atividade comunitária da qual você não tem permissão para participar?

1 Sim

2 Não, eu posso participar de todas as atividades → vá para a questão 5.10

5.8 De quais atividades você não tem permissão para participar?

[ENTREVISTADOR: ENUMERE ATÉ 3 ATIVIDADES]

5.9 Por que você não tem permissão para participar?

[ENTREVISTADOR: ENUMERE ATÉ 2 MOTIVOS]

- 1 Pobreza
- 2 Ocupação
- 3 Falta de escolaridade
- 4 Por ser homem ou por ser mulher
- 5 Idade
- 6 Religião
- 7 Filiação política
- 10 Etnia ou língua/raça/casta/tribo
- 11 Outros (especifique _____)

Sociabilidade

Agora eu vou fazer algumas perguntas a respeito de suas interações sociais cotidianas.

5.10 No último mês, quantas vezes você se encontrou com pessoas em um local público para conversar, ou para comer, ou beber?

5.11 No último mês, quantas vezes as pessoas visitaram-no em sua casa?

5.12 No último mês, quantas vezes você visitou outras pessoas em suas casas?

5.13 As pessoas com quem você se encontrou, ou que você visitou eram, em sua maioria...

	1	Sim
	2	Não
A. De um grupo étnico ou lingüístico/raça/casta/tribo diferente?		
B. De situação econômica diferente?		
C. De posição social diferente?		
D. De um grupo religioso diferente?		

5.14 Nos últimos três meses, quantas vezes você se reuniu com outras pessoas para jogar, praticar esportes, ou outras atividades recreativas?

5.15 Quantas vezes, nos últimos 12 meses, você participou de uma cerimônia familiar ou de um festival no(a) bairro/localidade? (casamento, enterro, festival religioso etc.)?

Conflito e Violência

5.16 Na sua opinião, esse(a) bairro/localidade é geralmente pacífico(a) ou marcado(a) pela violência?

- 1 Muito pacífico
- 2 Moderadamente pacífico
- 3 Nem pacífico nem violento
- 4 Moderadamente violento
- 5 Muito violento

5.17 Em comparação há cinco anos atrás*, o grau de violência nesse(a) bairro/localidade aumentou, diminuiu ou permaneceu mais ou menos o mesmo?

[* ENTREVISTADOR: O PERÍODO DE TEMPO PODE SER ESCLARECIDO SITUANDO-O EM RELAÇÃO À ANTES/DEPOIS DE ALGUM EVENTO IMPORTANTE]

- 1 Aumentou muito
- 2 Aumentou um pouco
- 3 Permaneceu mais ou menos o mesmo
- 4 Diminuiu um pouco
- 5 Diminuiu muito

5.18 Em geral, como você sente em relação ao crime e à violência quando está sozinho em casa?

- 1 Muito seguro(a)
- 2 Moderadamente seguro(a)
- 3 Nem seguro(a) nem inseguro(a)
- 4 Moderadamente inseguro(a)
- 5 Muito inseguro(a)

5.19 Como você se sente ao andar sozinho(a) na sua rua depois de escurecer?

- 1 Muito seguro(a)
- 2 Moderadamente seguro(a)
- 3 Nem seguro(a) nem inseguro(a)
- 4 Moderadamente inseguro(a)
- 5 Muito inseguro(a)

5.20 Nos últimos 12 meses, você ou alguém do seu domicílio foi vítima de um crime violento, ou seja, atacado(a) ou assaltado(a)?

- 1 Sim
- 2 Não → vá para a questão 5.30

5.21 Quantas vezes?

5.22 Nos últimos 12 meses, a sua casa foi assaltada ou depredada?

- 1 Sim
- 2 Não → vá para a questão 6.1

5.23 Quantas vezes?

6. Autoridade ou Capacitação (Empowerment) e Ação Política

6.1 Em geral, você se considera uma pessoa...

- 1 Muito feliz
- 2 Moderadamente feliz
- 3 Nem feliz, nem infeliz
- 4 Moderadamente infeliz
- 5 Muito infeliz

6.2 Qual o controle que você sente que tem para tomar as decisões que afetam as suas atividades diárias?

- 1 Nenhum controle
- 2 Controle sobre muito poucas decisões
- 3 Controle sobre algumas decisões
- 4 Controle sobre a maioria das decisões
- 5 Controle sobre todas as decisões

6.3 Você sente que tem poder para tomar decisões importantes, que podem mudar o curso da sua vida? Faça uma avaliação de você mesmo em uma escala de 1 a 5, em que 1 quer dizer “totalmente incapaz de mudar minha vida”, e 5 quer dizer “totalmente capaz de mudar minha vida”.

- 1 Totalmente incapaz de mudar minha vida
- 2 Geralmente incapaz de mudar minha vida
- 3 Nem capaz, nem incapaz
- 4 Geralmente capaz de mudar minha vida
- 5 Totalmente capaz de mudar minha vida

6.4 No geral, qual o impacto que você acha que tem em fazer esse(a) bairro/localidade um lugar melhor para se viver?

- 1 Um grande impacto
- 2 Um pequeno impacto
- 3 Nenhum impacto

6.5 Nos últimos 12 meses, quantas vezes as pessoas neste(a) bairro/localidade se reuniram para entregar conjuntamente uma petição a membros do governo, ou a líderes políticos, pedindo algo em benefício da comunidade?

- 1 Nunca → vá para a questão 6.7
- 2 Uma vez
- 3 Algumas vezes (≤ 5)
- 4 Muitas vezes (> 5)

6.6 Alguma dessas petições teve sucesso?

- 1 Sim, todas tiveram sucesso
- 2 A maioria teve sucesso
- 3 A maioria não teve sucesso
- 4 Nenhuma teve sucesso

6.7 Nos últimos 12 meses, você fez alguma dessas coisas?

	1 Sim 2 Não
A. Participou de uma reunião de conselho, reunião aberta ou grupo de discussão?	
B. Encontrou um político, telefonou para ele/ela, ou enviou-lhe uma carta?	
C. Participou de um protesto ou demonstração?	
D. Participou de uma campanha eleitoral ou informativa?	
E. Alertou algum jornal, rádio ou TV para um problema local?	
F. Notificou a polícia ou a justiça a respeito de um problema local?	

6.8 Muitas pessoas consideram difícil sair para votar. Você votou na última eleição local?

- 1 Sim
- 2 Não

6.9 Você votou na última eleição estadual/nacional/presidencial?

1 Sim

2 Não

6.10 Alguma vez você votaria em um candidato que não fosse do seu grupo étnico ou lingüístico/raça/casta/tribo?

1 Sim

2 Não

6.11 Até que ponto o governo local e os líderes locais levam em consideração as preocupações manifestadas por você e por outras pessoas como você, quando tomam decisões que afetam a todos?

1 Muito

2 Um pouco

3 Não levam em consideração

6.12 Na sua opinião, qual é o grau de honestidade dos membros e funcionários das seguintes agências? Por favor, classifique-os segundo uma escala de 1 a 5, em que 1 quer dizer “muito desonesto” e 5 “muito honesto”.

	1 Muito desonesto 2 Geralmente desonesto 3 Nem honesto nem desonesto 4 Geralmente honesto 5 Muito honesto 9 Não se aplica (agência não existe no(a) bairro/localidade)
A. Membros do governo local	
B. Líderes tradicionais da localidade	
C. Médicos e enfermeiras da clínica de saúde	
D. Professores e funcionários da escola	
E. Funcionários do correio	
F. Polícia	
G. Juízes ou funcionários do magistério	
H. Funcionários de ONGs	

6.13 Em geral, em comparação há cinco anos atrás*, a honestidade do governo local melhorou, piorou ou permaneceu mais ou menos a mesma?

[* ENTREVISTADOR: O PERÍODO DE TEMPO PODE SER ESCLARECIDO SITUANDO-O EM RELAÇÃO À ANTES/DEPOIS DE ALGUM EVENTO IMPORTANTE]

- 1 Melhorou
 2 Piorou
 3 Permaneceu mais ou menos a mesma

6.14 Nos últimos 12 meses, o seu domicílio teve que pagar algum dinheiro adicional a membros do governo para conseguir que alguma coisa fosse feita?

- 1 Sim, freqüentemente
- 2 Sim, ocasionalmente
- 3 Não → encerre a entrevista

6.15 Tais pagamentos são eficazes para conseguir que um serviço seja realizado ou um problema seja resolvido?

- 1 Sim, normalmente
- 2 Sim, mas apenas ocasionalmente
- 3 Geralmente não

7. Anexo B: Questões Centrais¹⁶

Grupos e Redes

1. Eu gostaria de começar perguntando a você sobre os grupos ou organizações, redes, associações a que você, ou qualquer outro membro do seu domicílio, pertencem. Esses grupos podem ser formalmente organizados ou apenas grupos de pessoas que se reúnem regularmente, para praticar alguma atividade, ou apenas conversar. De quantos grupos você, ou alguém em seu domicílio, faz parte?

2. De todos os grupos de que você, ou os membros do seu domicílio fazem parte, qual é o mais importantes para o seu domicílio?

_____ [Nome do grupo]

3. Pensando nos membros deste grupo, a maioria deles é do(a) mesmo(a)...

	1 Sim 2 Não
A. Religião	
B. Sexo	
C. Grupo étnico ou lingüístico/raça/casta/tribo	

¹⁶ Para um conjunto mais limitado de itens do questionário a serem incluídos em um survey mais curto, as 27 questões que se seguem, retiradas da lista anterior, são as que consideramos as mais essenciais.

4. Os membros do grupo têm, em sua maioria, a mesma...

	1 Sim 2 Não
A. Ocupação	
B. Formação educacional ou grau de escolaridade	

5. Esse grupo trabalha ou interage com grupos fora do(a) bairro/localidade?

1. Não
 2. Sim, ocasionalmente
 3. Sim, freqüentemente
-

6. Quantos amigos próximos você diria que tem hoje? Essas pessoas são aquelas com quem se sente à vontade, para conversar a respeito de assuntos particulares, ou chamar quando precisa de ajuda.

7. Se de repente você precisasse de uma pequena quantia em dinheiro [RURAL: o suficiente para pagar as despesas do seu domicílio durante uma semana; URBANO: o que você ganharia, digamos, em uma semana de trabalho], há pessoas além do seu domicílio ou parentes próximos, que estariam dispostas a lhe fornecer este dinheiro, se você pedisse a elas?

1. Definitivamente
 2. Provavelmente
 3. Não tenho certeza
 4. Provavelmente não
 5. Definitivamente não
-

Confiança e Solidariedade

8. Falando em geral, você diria que se pode confiar na maioria das pessoas, ou que nunca é demais ter cuidado ao lidar com as pessoas?

1. Pode-se confiar nas pessoas

2. Nunca é demais ter cuidado

9. Em geral, você concorda ou discorda das seguintes afirmações?

	1 2 3 4 5	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo, nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente
A. A maioria das pessoas neste(a) bairro/localidade estão dispostas a ajudar caso você precise.		
B. Neste(a) bairro/localidade, é preciso estar atento ou alguém pode tirar vantagem de você.		

10. Quanto você confia em...

	1 2 3 4 5	Confio totalmente Confio muito Nem muito, nem pouco Confio pouco Confio muito pouco
A. Membros do governo local		
B. Membros do governo central		

11. Se um projeto da comunidade não lhe beneficia diretamente, mas tem benefícios para muitas outras pessoas do(a) bairro/localidade, você contribuiria com seu tempo ou dinheiro para o projeto?

A. Tempo

B. Dinheiro

- 1 Não contribuiria com tempo
- 2 Contribuiria com tempo

- 1 Não contribuiria com dinheiro
- 2 Contribuiria com dinheiro

Ação Coletiva e Cooperação

12. Nos últimos 12 meses, você ou alguém do seu domicílio participou de alguma atividade comunitária, em que as pessoas se reúnem para realizar algum trabalho em benefício da comunidade?

1. Sim
2. Não (vá para a questão 14)

13. Quantas vezes, nos últimos 12 meses?

14. Se houvesse um problema de abastecimento de água nesta comunidade, qual é a probabilidade de que as pessoas cooperassem para tentar resolver o problema?

1. Muito provável
2. Relativamente provável
3. Nem provável, nem improvável
4. Relativamente improvável
5. Muito improvável

Informação e Comunicação

15. No último mês, quantas vezes você fez ou recebeu um telefone ma?

16. Quais são as três fontes de informação mais importantes a respeito do que o governo está fazendo (tal como mutirão agrícola, frente de trabalho, planejamento familiar etc.)?

1. Parentes, amigos e vizinhos
2. Boletins da comunidade
3. Mercado local
4. Jornal local ou da comunidade
5. Jornal nacional
6. Rádio
7. Televisão
8. Grupos ou associações
9. Colegas de trabalho ou sócios
10. Associados políticos
11. Líderes da comunidade
12. Um agente do governo
13. ONGs
14. Internet

--	--	--

Coesão e Inclusão Social

17. Muitas vezes há diferenças nas características entre as pessoas que vivem num(a) mesmo(a) bairro/localidade. Por exemplo, diferenças de riqueza, renda, posição social, origem étnica, raça, casta ou tribo. Também pode haver diferenças em relação às crenças religiosas e políticas, ou pode haver diferenças devido à idade ou o sexo. Até que ponto você diria que as pessoas são diferentes no(a) seu(sua) bairro/localidade? Utilize uma escala de 5 pontos, em que 1 quer dizer “extremamente diferentes” e 5 quer dizer “muito pouco diferentes”.

1. Extremamente diferentes
2. Muito diferentes
3. Relativamente diferentes
4. Pouco diferentes
5. Muito pouco diferentes

--

18. Alguma dessas diferenças causa problemas?

1. Sim
2. Não → vá para a questão 21.

--

19. Quais são as duas diferentes que mais frequentemente causam problemas?

1. Diferenças de educação
2. Diferenças de posses de terras
3. Diferenças de riqueza/posses materiais
4. Diferenças de posição social
5. Diferenças entre homens e mulheres
6. Diferenças entre as gerações mais jovens e as gerações mais velhas
7. Diferenças entre moradores antigos e novos moradores
8. Diferenças de filiação política
9. Diferenças de crenças religiosas
10. Diferenças de origem étnica, raça, casta/tribo
11. Outras diferenças

--	--

20. Alguma vez esses problemas levaram à violência?

1. Sim
2. Não

--

21. Quantas vezes, no último mês, você se reuniu com outras pessoas para comer ou beber, em casa ou em um lugar público?

--

22. [SE A RESPOSTA NÃO FOR ZERO] Alguma dessas pessoas era...

	1 Sim 2 Não
A. De origem étnica ou lingüística, raça/casta/tribo diferente?	
B. De situação econômica diferente?	
C. De posição social diferente?	
D. De um grupo religioso diferente?	

23. Em geral, como você sente em relação ao crime e à violência quando está sozinho(a) em casa?

1. Muito seguro(a)
2. Moderadamente seguro(a)
3. Nem seguro(a), nem inseguro(a)
4. Moderadamente inseguro(a)
5. Muito inseguro(a)

Autoridade ou Capacitação (Empowerment) e Ação Política

24. Em geral, você se considera uma pessoa...

1. Muito feliz
2. Moderadamente feliz
3. Nem feliz, nem infeliz
4. Moderadamente infeliz
5. Muito infeliz

25. Você sente que tem poder para tomar decisões que podem mudar o curso da sua vida? Faça uma avaliação de você mesmo em uma escala de 1 a 5, em que 1 quer dizer “totalmente incapaz de mudar minha vida”, e 5 quer dizer “totalmente capaz de mudar minha vida”.

1. Totalmente incapaz de mudar minha vida
2. Geralmente incapaz de mudar minha vida
3. Nem capaz, nem incapaz
4. Geralmente capaz de mudar minha vida
5. Totalmente capaz de mudar minha vida

26. Nos últimos 12 meses, quantas vezes as pessoas neste(a) bairro/localidade se reuniram para entregar conjuntamente uma petição a membros do governo ou a líderes políticos pedindo algo em benefício da comunidade?

1. Nunca
2. Uma vez
3. Algumas vezes (≤ 5)
4. Muitas vezes (> 5)

27. Muitas pessoas consideram difícil sair para votar. Você votou nas últimas eleições estaduais/nacionais/presidenciais?

1. Sim
2. Não